

Nesta Edição.
**O Nelore do
Rio de Janeiro**

AGROPECUÁRIA TROPICAL

ISSN - 0101 - 1758

Nº 105 - Fevereiro - 1996



● **O triângulo da penúria
no país da fartura**

● **Uma alternativa para
o Nelore no Rio**

● **Cheque-Mate na falsa
despimentação**

● **A mais antiga criação
do Brasil: 100 anos
de Zebu**

● **A "Linhagem
Lemgruber" na pecuária
brasileira**

● **Fazenda Indiana:
78 Anos de Nelore**

● **Novidades de caprinos
e ovinos**

● **A saga do Zebu no
Rio de Janeiro**

● **O Nelore Santa Aminta**

Brasília fora do Real

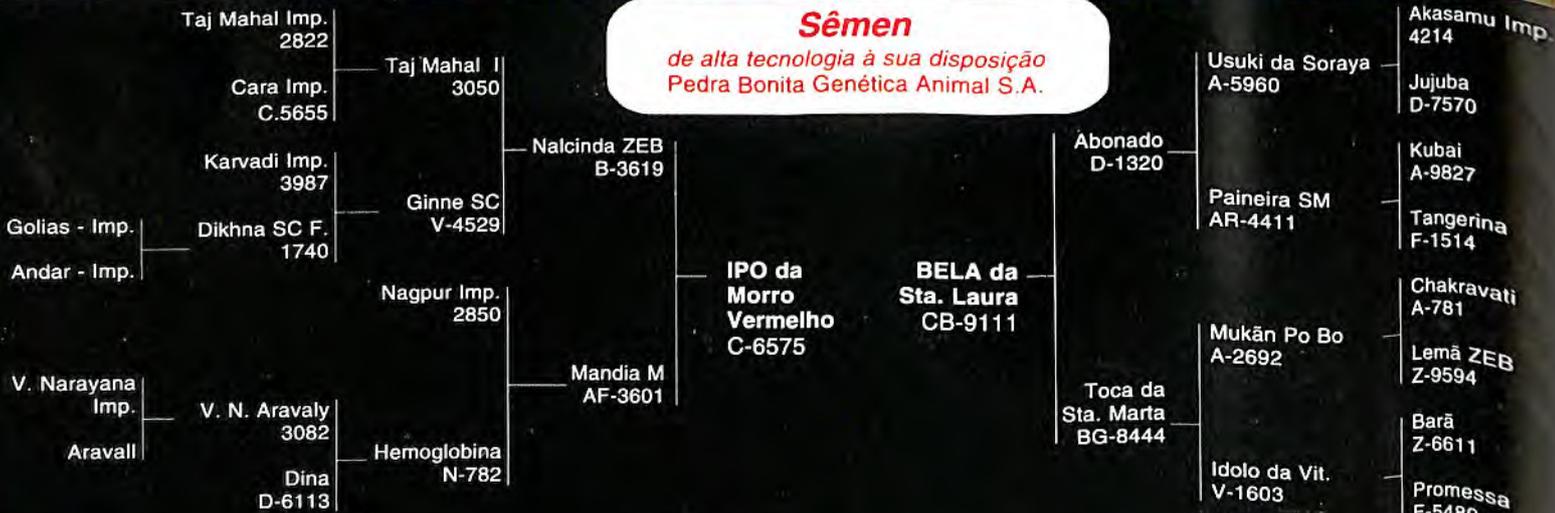


VIAJANTE da Sta. Laura

RGD - E - 5282

Nasc. 11/10/89

- Grande Campeão da raça;
N. Venécia - ES



Reprodutor de excelente conformação e caracterização racial, reunindo qualidades especiais:
 - **PORTE** - Comprimento corporal o 2º maior do Brasil depois de Visual da Zeb VR: 197 cm
 - **PESO** - 1 Tonelada e 100 kg
 - **FERTILIDADE** - Circunferência escrotal - 41 cm significando sêmen de melhor qualidade e maiores ganhos de peso da progênie.
 - **GENEALOGIA** - PAI - IPO da morro Vermelho (linhagem TAJ MAHAL - Imp.). MÃE - Bela da Sta. Laura (linhagem AKASAMU - Imp)
 - **VIAJANTE DA STA. LAURA** - É um touro que reúne uma carga de sangue impressionante, só de grandes genearcas: TAJ MAHAL - Imp., KARVADI - Imp., GOLÍAS - Imp., (o maior touro Nelore da ÍNDIA), AKASAMU - Imp., NAGPUR - Imp.

Controle de Desenvolvimento Ponderal

Idade Padrão (dias)	Peso Calculado	GPD-g	Regime Alimentar	Índice na raça	Classificação
205	169	678	1	102.4	superior
365	307	759	1	138.9	elite
550	496	847	2	128.5	elite

Medidas do Touro VIAJANTE (E 5282)

Comprimento do corpo	197 cm
Altura da garupa	162 cm
Largura da garupa	61 cm
Comprimento da garupa	58 cm
Distância dos ísquios	34 cm
Profundidade torácica	90 cm
Perímetro torácico	245 cm
Perímetro da canela	26 cm
Perímetro da coxa	101 cm
Circunferência escrotal	41 cm

Criador e Proprietário:
Paulo Lindenberg von Schilgen
 Fone (027) 227-5769

AGROPECUÁRIA TROPICAL

Fundador: Virgolino de Faria Leite Neto, com "PARAÍBA PECUÁRIA", em 1976 cognominado "O Patrono do Zebu Nordestino", sequenciada por "AGROPECUÁRIA TROPICAL", fundada por Rinaldo dos Santos em Janeiro de 1980.

Edição: Agropecuária Tropical nº105 - Fevereiro/96

DIRETORIA: Marco Antonio Pinsetta, Sebastião Motta, Alberto Pereira Nunes Filho

DIREÇÃO EXECUTIVA: Rinaldo dos Santos

Redação: Solange Barros (MTb 5730) **Pesquisas Editoriais:** Denise de Abreu Ribeiro - **Revisor para Zootecnia:** Paulo Roberto M. Leite - **Tradução:** José Antônimo dos Santos **Fotografia:** Rinaldo dos Santos, Rubens Sales **Assessoria Administrativa:** Sinomar Antunes de Oliveira CPD (**Diagramação**) - William Garcia Matos/ Denise de Abreu Ribeiro **Aux. Geral:** Edmar Silva Gomes

COLABORADORES EDITORIAIS

Hugo Prata, Eurípedes Oliveira, Jorge Coelho, Húscar Terra do Vale, Manoel Dantas Vilar Filho, Tito Victor, Paulo Roberto Miranda Leite, Eduardo Almeida, José Nivaldo, José Marinho Perez, Antônio Ernesto Werna de Salvo.

DEPARTAMENTO COMERCIAL:

Gerência: Jadir Bison - Editora Agropecuária Tropical Ltda - Rua Tristão de Castro, 61 - CEP: 38010-250 - Cx. Postal: 606 - Fone: (034) 333-9788 / Fax: (034) 312-7290

Representantes Colaboradores Credenciados:

- Rubens Salles - (034) 332-5148
- Raulian Novais Vieira - (034) 333-9209
- Artur Carlos Colenghi
- José Henrique Pereira - (034) 333-1698
- Fauzi Abrão - (034) 336-5296
- Roberto Pinheiro - (034) 312-1943

ANDRADINA, SP - Sidney Marques Novais - Rua J. A. de Carvalho, 724 - Tel: (0187) 22-5216.

SÃO PAULO, SP - Carlos Alberto Frederico (011) 220-8721.

RIO DE JANEIRO, RJ - Ricardo Vaz Caldas - Rua Pascoal Carlos Magno, 21 - (021) 232-6133.

SALVADOR-BA - Magda Kauffman Britto - Rua Pará, 466/301 CEP: 41860-000 - Fone: (071) 321-3866/ 248-2579.

REPRESENTAÇÕES NO EXTERIOR:

ÁFRICA DO SUL - G. Mackenzie Mala - 23 Redsway Glencaim 7995 Cape - Tel: 0217-831186 / 02171929.

MÉXICO: 1) Elias Bremauntz - Revista "CRIADOR" - Av. Nevado, 112-13, gol. Portales, México, 03300- D.F.

2) Consuelo González Pastrana - 9º Pte. Sur 986, Tuxtla Gtz - Chiapas - México.

PERU: Reinaldo Trinidad Ardilles - Pablo Bermudez, 301, Lima 11 - Fone: 23-5650.

COSTA RICA: Roberto Albertazzi Avendano - Idicasa, Apdo, 100, Curridabat, San José, Costa Rica.

VENEZUELA: Alvaro Javier Alvarez Rodriguez - Apdo. Postal 17 - Guanane - Venezuela - Fone: 057-519009/515819.

CONVÊNIO EDITORIAL: El Cebú (Colômbia), Brahman Journal (EUA), Brahman News (Austrália), Holstein Friesian Journal (EUA), Desarrollo Agropecuario (Peru), Desarrollo Agropecuario (Costa Rica), Ganagrínco (Venezuela), Cebú (México), Criador (México), Godarshan (Índia), Brown Swiss (EUA), Dorper (África do Sul).

Fotolitos e Impressão: Consórcio Editorial Gráfico - P.V.V. GRAFINEWS - (034) 232-9200 - Uberlândia, MG

AGROPECUÁRIA TROPICAL - Título autorizado para publicação à Editora Agropecuária Tropical Ltda, destina-se a mostrar as potencialidades e realizações da pecuária nacional, principalmente as tropicais, num diálogo com as classes rurais e autoridades do setor. Artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da publicação e são da responsabilidade dos que os subscrevem, mantendo a Editora o direito de publicar as contestações recebidas, por parte dos leitores. Não só autorizamos como também, sugerimos a transcrição de matérias editadas, citando-se a fonte.

EDITORA AGROPECUÁRIA TROPICAL LTDA - Sede: UBERABA-MG: Rua Tristão de Castro, 61 - Caixa Postal: 606 CEP: 38010-250 - Fone: (034) 333-9788 / FAX: (034) 312-7290 Reg. Título "ZEBU" - Classe 38.10 - Nº 815133049 e Classe 101 - C.G.C.: 25.918.665/0001-00 - Reg. Junta Comercial: 3120311380/8 - Reg. ISSN: 0101-1758. Reg. Título AGROPECUÁRIA TROPICAL. Reg. Título O BERRÓ.

Conversa ao pé da porteira

BRASÍLIA FORA DO REAL

1 - A verdade é uma só: para proteger o Real, o governo quebrou o setor rural! O melancólico é observar que essa prática vem desde o início do período republicano. Quem paga pelos erros político-econômicos dos governos? Basicamente o setor rural.

Em seu livro de campanha, o presidente FHC dizia que no setor agrícola "se podia criar emprego mais rapidamente e com menor custo de investimento para cada novo posto de trabalho". Indicou 5 prioridades para a nação, 2 eram da agricultura. Dizia mais: "Os agricultores brasileiros têm feito verdadeiros milagres, sem incentivos, sem uma política conseqüentes do governo, sem infra-estrutura adequada. Apesar dos pesares, ano a ano têm aumentado a produção". Falou, elogiou, ganhou votos e, depois, como outros, esqueceu e descansou sobre o setor rural. Um campeão de ironia.

A queda de preços internos já provocou transferência de renda da agricultura estimada em mais de R\$ 9 bilhões e uma fortíssima descapitalização do setor, segundo a Fundação Getúlio Vargas. Quem vai pagar por isso? É claro que o prato em que come o povo.

Obviamente, o governo vai fazer "dumping" com seus estoques, pois tinha 19,5 milhões de toneladas guardadas, sendo que cerca de 11 milhões somente da safra de 1995. Os erros do governo fizeram quase duplicar seus estoques em apenas 1 ano. São 5,1 milhões de toneladas de arroz; 10,8 milhões de milho (absurdo!); 2,6 milhões de soja; 0,5 milhões de trigo. E até 125 mil toneladas de feijão importado do México e do Chile! As vendas estimadas para 1996 ano são de 2 milhões de arroz, devendo sobrar 3,1 milhões para 1997) e 3 milhões para milho, devendo sobrar 7,8 milhões. O governo irá, assim, desovar esses estoques, reduzindo-os em 5,5 milhões de toneladas, tendo que importar 14,2 milhões. Será um gasto extra de R\$ 3,9 bilhões, o qual poderia ser evitado, se o governo tivesse juízo.

Num gesto grandiloquente, o governo cancelou um crédito de R\$ 2 bilhões para o trigo brasileiro e, no mesmo dia autorizou importações de trigo argentino no valor de R\$ 2 bilhões: um show de competência às avessas!

Ao invés de juízo, o governo promove importações recordes em dias de safras recordes. Mantém estoques excessivos encalhados ao mesmo tempo que autoriza essas importações recordes. Em Abril de 1995, o governo zerou as tarifas de importação de milho, quando era colhida a maior safra da história! Alguma coisa sempre esteve errada na política rural de FHC. Mas ele insiste em divulgar que tudo vai muito bem.

A verdade é que a política tarifária brasileira permite que outros países passem a estocar produto no Brasil. Eles empurram o produto para o Brasil e o contribuinte paga a conta final. Acaba faltando recursos para financiar nossa safra pois eles estão comprometidos com o financiamento dos excedentes dos países exportadores. Não existe, portanto, uma política de defesa do setor rural e tampouco de incentivo. A preocupação importante governamental é com votos e, por conta disso, tem até adubado as invasões de terras já ocupadas num país em que sobram terras em todas as direções.

Em Abril de 1995, reduziu para 2% a tarifa da carne importada e outros produtos, num gesto que poderia quebrar o setor rural brasileiro, para ganhar dividendos eleitorais e confiança para o Real! Colocou a carroça na frente dos burros.

Pela primeira vez na história, o algodão brasileiro foi destronado, caindo abaixo dos preços internacionais. Isto aconteceu no momento da maior crise de liquidez de que se tem notícia, e quando se colhia uma safra recorde.

Repetiu-se amiudadamente o eterno mau hábito de incentivar o plantio tendo em vista uma tarifa e, no momento da colheita, o produtor se vê às voltas com outra, muito abaixo. Quem lucra é o atravessador, nas barbas do governo, deixando claro que o melhor é não plantar, mas extorquir a safra das mãos do produtor com plena conivência do governo.

Enquanto isso, no setor industrial, os automóveis com aumento de tarifa de 70%, calçados com 63%, têxteis com 70%, etc. Ficou evidente que o problema não era a TR (camuflagem política), mas sim, as tarifas de importações com subsídios, além da defasa-

gem cambial. Enquanto os preços caíram 10% num único período, a correção da UFIR foi de 25,39%.

E, agora, começam a surgir, timidamente, os números do desastre que se refletirá em 1996: queda de empregos: 460 mil até junho.95 (outros dizem 832 mil), ou mesmo perto de 1 milhão, por conta da quebra da safra 95/96, segundo a Sociedade Rural Brasileira. Serão 2,3 milhões de hectares não-plantados, com perda de renda estimada em R\$ 9,2 bilhões. Por enquanto, pois o desemprego real pode subir para mais de 2 milhões e a área não-plantada poderá atingir mais de 4,0 milhões de hectares. Para FHC, o ano de 1996 será um purgatório, pois será ano de

eleições, em meio a uma grande crise de alimentos! Os otimistas dizem que, pelo contrário, FHC é esperto e continuará colocando arroz, feijão, carne, importados da Tailândia, Malásia, Vietnã, etc. na cesta básica, deixando o setor rural brasileiro ao léu, ou - em outras palavras - adequando-se à nova realidade do Real.

2 - Por outro lado, FHC esteve na China e parece que esqueceu de observar a "reforma fundiária" que lá tem sido praticada e que poderia ser adotada pelo Brasil. Esteve na Índia e também se esqueceu de observar os imensos programas de irrigação, totalizando 100 vezes mais área irrigada que o

Brasil. O setor rural não tem vez nas viagens.

3 - Finalmente, uma boa notícia: FHC autorizou um intercâmbio comercial de material genético bovino entre a Índia e o Brasil. Aliás, pitorescamente, FHC recebeu, em Bombaim, um livro sobre raças bovinas indianas. Foi um presente de autoridades da Índia para o presidente brasileiro! O livro era brasileiro, sobre o gado Gir! Talvez, com aquele espírito religioso hindu, as autoridades quisessem lembrar ao presidente que as soluções para o Brasil estão aqui mesmo, até na forma de um bovino adequado ao mundo tropical! Seria bom se o presidente tivesse aprendido a lição!

ÍNDICE

Editorial:	
Brasília fora do Real	3
Artigos e Comentários:	
O Triângulo da penúria no país da fartura	9
A mais antiga criação do Brasil: 100 anos de Zebu	12
Uma trilha alternativa para o Nelore no Rio	40
Dez mandamentos do gado Guzerá	49
Adeus a Mauro Borges	58
Assuntos Técnicos:	
Cheque-Mate na Falsa Despigmentação	5

A saga do Zebu no Rio de Janeiro	22
A importância da "Linhagem Lemgruber" na pecuária brasileira	26
O Plantel Santa Aminta	37
Fazenda Indiana: 78 Anos de Nelore	38
Notícias	52

O BERRO

A Cabra Anglonubiana	53
Reprodução em Ovelhas Deslanadas	55
Alimentação em Ovinos Deslanados	57

ÍNDICE DE PATROCINADORES

Paraná:	
Eduardo Ancântara	15
Pará:	
Jandaia Mineração Agropecuária	16 e 17
Lauro Queiroz	43
Ceará:	
Teotônio Agropecuária	18
Francisco Feitosa	46
São Paulo:	
Amilcar Farid Yamin	44 e 45
Rio de Janeiro:	
Eduardo Bicalho	20
Sérgio Santos Rutowitch	27
Agropecuária Carneiro	28

Ervas Agropecuária	29
Aprígio Lopes Xavier	30 e 31
Alvaro Antônio Neto	32
Fazenda Três Morros	33
Claudio Duvivier	34
Fazenda Santa Edwiges	41
Paulo Ernesto Menezes	42

O BERRO

Manoel Dantas Vilar Filho	55
Luciano Vilar Dantas	55
Sebastião Diógenes Paiva	56
Fazenda Haras do Sol	56
Sítio Maravilha	57

CARTAS - CAIXA POSTAL 606, CEP: 38010-250 UBERABA - MG

"As publicações desta Editora, realmente muito tem contribuído na minha preparação profissional sobre pecuária bovina geral, e mais especificamente ao Zebu Leiteiro. Escrevo para agradecer o envio de tais publicações e principalmente, o envio da tão importante revista sobre a agropecuária tropical, destacando a zootecnia tropicalista".

José Prudente O. Neto - Cooperativa Agropecuária Cascavel LTDA. - Capitão Leônidas Marques - PR

"Aproveitamos a oportunidade para cumprimentá-los pelo excelente trabalho que a Revista vem prestando no meio agropecuário, voltando a ter uma circulação assídua e colaborando assim, com a divulgação de toda pecuária nacional. Parabéns pela excelente publicação".

Glauco Pereira de Assis - Associação Brasileira de Criadores de Chianina - Av. Francisco Matarazzo, 455 - Prédio do Fazendeiro - 05.001-300 - São Paulo - SP

"Gostaríamos de parabenizar o José Henrique Pereira, representante desta conceituada Revista, pelo excelente trabalho realizado durante a 23ª Efapi, em Santo Antônio da Platina (PR), no início do mês de julho de 95. Temos certeza de que a premiação dos animais fotografados por ele, não teria o brilho que teve, não fosse a qualidade do seu trabalho".

Joel Carlos da Silva Coelho - Coordenador da Raça Nelore - Santo Antônio da Platina - PR

CHEQUE-MATE NA FALSA DESPIGMENTAÇÃO

Dr. José Amir Ribeiro, Méd. Vet.

Introdução

Nas décadas de 1930 e 1940 eram comuns os animais zebuínos portadores de pele clara ou rósea, em substancial parte do corpo. Jamais foi detectado um caso morboso entre esses indivíduos. Mesmo na atualidade, nunca se encontrou um único caso de animal zebuíno que tenha apresentado escoriações na pele, devido à "despigmentação". (Como não existem provas cabais admitidas pelos cientistas de que a baixa taxa de melanina seja, de fato, uma constatação de despigmentação no gado zebuíno, convém estipular que - neste texto - a falsa despigmentação seja escrita entre aspas, ou seja, "despigmentação").

VILLARES pesquisou este assunto, exaustivamente, e publicou os resultados, há várias décadas, antes mesmo de a "despigmentação" sofrer punição sistemática pelo Serviço de Registro Genealógico. Os ouvidos estavam trancados para a Ciência, naqueles dias. Por conta disso, a Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, detentora

modernamente, quando os próprios criadores, sem se importar com as injunções do Registro Genealógico, passaram a utilizar touros brancos, com farta "despigmentação", obtendo excelentes resultados. É famoso o caso do touro WHITE que somente foi considerado apto para o Registro Genealógico depois de morto, com mais de 1.500 filhos espalhados por todo país.

Nesse dia em que os criadores deixaram de lado a letra formal do Registro Genealógico e passaram a utilizar os animais que eram provados como excelentes, o Zebu deixou de ser punido por um mal que, para ele, não existia e também o fazia sofrer. Este acontecimento favoreceu, em primeira instância, o Gir, mas não o Nelore, que ainda continuou apresentando animais com substancial parte do corpo ostentando a coloração rósea. Depois de um período de obcecante busca de animais de "pele preta", os neloristas estão hoje verificando, a contragosto, que muitos dos expoentes modernos, de elevada velocidade de ganho de peso e notável carcaça, apresentam a mal-sinada "pele rosa", tão combatida há algumas décadas atrás. A exemplo do que já aconteceu com o gado Gir, os neloristas estão utilizando esses animais, a despeito de sua pele rosa! O Zebu, assim, vai conquistando novos patamares e vai trilhando seu próprio caminho, apesar das proibições anti-científicas.

Como explicar essa obsessão pela condenação da dita "despigmentação" no Zebu? A rigor, depois de uma rigorosa pesquisa realizada por "Agropecuá-



Área da barbela, área despigmentada, com ampliação de 40 vezes.

ria Tropical", em todo o território brasileiro, chegou-se às seguintes conclusões:

1 - Jamais um criador brasileiro confirmou ter encontrado um único animal zebuíno portador de "despigmentação morbosa". Ou seja, nunca um zebuíno decaiu devido a ulcerações e, muito menos, chegou à morte. Os mais importantes selecionadores do país foram indagados sobre esse assunto, bem como todos os "pais de escola" dentro da raça Nelore, e dentro da raça Gir.

2 - Existem documentos, de fato, de que animais zebuínos Nelore tenham sofrido, devido a ulcerações provocadas por raios solares, na Índia. Resta saber se a metodologia adotada naquelas pesquisas teria aprovação no Brasil, diante das diferenças climáticas, e outras. Provavelmente, não.

3 - Os testes realizados pelo Prof. J. Barisson VILLARES deixaram claro que o que se denominava de "despigmentação", no Brasil, estava cientificamente induzindo a um erro, pois os animais apresentavam uma adequada taxa de melanina para conviver no clima tropical até 3.000 horas/ano de insolação. Mesmo com a "pele rosa", os animais zebuínos não apresentavam nenhum problema morboso, a ponto de diferenciá-lo dos demais de "pele preta", ou simplesmente de "pele escu-



A mesma barbela despigmentada, com ampliação de 200 vezes.

do serviço de registro para todas as raças zebuínas, sofrendo severas pressões por parte de grupos de criadores, decidiu pela desclassificação sumária de animais portadores de "despigmentação" além da parte sombreada do corpo.

A raça mais punida foi a Gir, até

Resultados do experimento

Diferenças comportamentais entre animais pigmentados e despigmentados

nome	peso		Dif. (kg)	Temperat.		Bat. cardíac.		M.resp. Início	
	Início(kg)	Final(kg)		Início(°C)	Final(°C)	Início	Final		
Lote pigmentado									
ESPADA	440	436	4	38,5	39,3	48	120	20	
ARARAÚNA	460	457	3	38,3	39,1	48	100	28	
DANIELA	425	423	2	38,0	38,9	40	96	32	
CARINA	477	474	3	38,4	39,4	40	120	28	
EGLÊ	410	406	4	38,8	39,0	48	120	28	
Total	2.212	2.196	16	38,4	39,14	44,8	111,2	27,2	
<i>Nota - houve perda de 3,2 kg por vaca, em média, no experimento, ou 1,8 kg por hora, por animal. Com intervalo de 2 horas</i>									
Lote despigmentado									
CHACARITA	316	310	6	38,5	39,2	48	100	34	
D. BEIJA	316	308	18	38,8	39,0	48	92	36	
ZORRA	316	308	18	39,0	39,6	60	120	32	
DIANA	365	358	7	38,5	39,0	48	100	32	
DESIRÉE	350	346	4	39,0	39,2	56	80	28	
Total	1.684	1.648	36	38,76	39,2	52	98,4	32,4	
<i>Nota - houve perda de 7,2 kg por vaca, em média, no experimento, ou 1,8 kg por hora por animal. Intervalo de 4 horas</i>									

ra". Os testes concluíam que os animais ditos até então "despigmentados" poderiam apenas ser substituídos por meio de uma seleção normal, mas jamais ser enquadrados como "aberrações" a ponto de serem indicados como desclassificáveis para efeito de Regis-



A mesma barbela despigmentada, com corante tricrômico.

tro Genealógico. Sua desclassificação representava uma tolice zootécnica, apenas isso!

4 - As pesquisas de campo da revista "Agropecuária Tropical", durante a

Grande Seca nordestina, abrangendo os anos de 1978 até 1983, apelidada historicamente de "A maldição dos Cem Anos", trouxe novidades. Nesse período, o rebanho nordestino sofreu um desfalque de quase 70%, ou seja, restaram apenas entre 30-35% dos animais que ali viviam antes da Grande Seca. As pesquisas concluíram o seguinte:

a) no semi-árido sucumbiam primeiramente os animais de sangue europeu, com pele glabra.

b) depois, os animais tauríndicos de pelagem branca e pele glabra ou rósea.

c) a seguir, sucumbiam os zebuínos, relembrando - de certa forma - sua origem milenar. Ou seja, primeiramente, os gados brancos; depois o

gado multicolorido e, finalmente, os gados de deserto (Guzerá e Sindi).

Nessa fase, que só irá se repetir daqui a 100 anos, ficou evidente - como regra geral - que os animais taurinos morriam mais devido ao excesso de

calor orgânico, o qual levava às ulcerações na epiderme, do que devido à carência alimentar propriamente dita.

Contrariamente a isso, os zebuínos morriam mais devido à carência alimentar do que às condições de seu peculiar metabolismo. Ou seja, em nenhum caso foi verificado entre as raças Nelore, Gir, Guzerá e Sindi, ulcerações morbosas na epiderme. Já entre os taurinos puros-sangues e os mestiços de alta cruz, essas ocorrências eram bastante frequentes, principalmente depois do segundo ano consecutivo de seca.

Resumindo: seria importante realizar testes, não mais pesquisando a epiderme dos animais com "despigmentação" visível, mas sim analisando, a correlação entre as taxas de hemoglobina, eritrocitina, e outros componentes sanguíneos naqueles animais que, frequentemente, sofrem e até sucumbem ao calor. Parece correto afirmar, como ensaio, que os animais de baixas taxas de hemoglobina e outros componentes do sangue - quando comparados com os zebuínos puros-sangues - sucumbem, devido ao excessivo calor orgânico gerado para atender ao seu metabolismo. Este alto calor orgânico, diante da alta

Minutos
36
25
35
29
35
32
entre pesagens.
18
18
28
18
26
21,6
as pesagens.

temperatura ambiental, e a carência de canais de dissipação no animal taurino ou tauríndico, fazem com que o organismo busque uma forma de equilíbrio para conviver naquela situação, por mais algum tempo. Esta busca de equilíbrio parece resultar nas lacerações na epiderme, como forma de o animal conseguir mais oxigênio e refrigeração no exterior. Nunca se realizou um ensaio nessa direção, no Brasil.

Os zebuínos - originários que são do Hemisfério Sul - estariam, portanto, sendo punidos por um mal que não é seu, mas sim dos animais oriundos do Hemisfério Norte. É preciso que se dê a César o que é de César, para restituir a necessária seriedade à Zootecnia, no Brasil. Essa

punição tem sido perpetrada há mais de 40 anos por imposição fantasiosa de alguns poucos criadores que jamais estudaram, cientificamente, a despigmentação. O assunto "despigmentação", na área dos zebuínos, constitui, portanto, pura fantasia advinda da época em que o sucesso do Zebu dependia, antes de tudo, do sucesso dos mestiços com o gado europeu. Hoje, contudo, sabe-se que as regras que orientam os mestiços e cruzados não são mais, necessariamente, as mesmas que orientam as raças zebuínas. Assim, parece ter chegado o momento de sepultar esse período de ignorância zootécnica.

O novo experimento

Por conta disso, ainda existindo dúvidas sobre o assunto, os autores resolveram efetuar duas novas pesquisas, uma de análise ao microscópio, para confirmar as conclusões do Prof. VILLARES, na atualidade, e outra de animais em movimento, para verificar o comportamento dos animais zebuínos, com "despigmentação", diante dos demais.

Os trabalhos foram comandados pelo Dr. José Amir Ribeiro, Méd. Vete-

rinário, e o Dr. Edson Reis, Méd. Patologista. Como colaboradores: Dra. Eliana de Rezende Ferreira, Méd. Veterinária e o Dr. José Zacharias Junqueira Júnior, Eng. Agrônomo.

Este estudo constitui mais um "cheque-mate" na falsa despigmentação, da qual muito já se falou e pouco se corrigiu.

1a. Parte A palavra da Histologia

Foram escolhidas duas vacas da raça Gir, da Fazenda Jaciara, pertencente ao Dr. Vicente Araújo de Souza Júnior. Eram animais de pelagem clara e chitada, ambos com despigmentação nas partes sombreadas (barbela) e partes não sombreadas (costado). Foram extraídos dois fragmentos de pele de cada vaca, sendo um deles de pele dita "despigmentada", da barbela; e outro abrangendo uma meia-parte pigmentada e outra meia parte despigmentada, do costado. Com corantes comuns e também com tricrômico no estudo, foram microfotografadas, em várias ampliações, somando um total de sete fotografias, para posterior exibição no Conselho Técnico da ABCZ e também na Assembléia Geral da entidade.

As análises realizadas pelo Dr. Edson Reis e Dr. Chapadeiro, patologistas da Escola de Medicina de Uberaba, deixaram claro que a melânica (pigmento basal das células) estava ausente no epitélio da área despigmentada - como era esperado. Concluiu-se que não havia diferença

microscópica entre as peles pigmentada e a despigmentada, como também não havia diferença histológica entre as peles despigmentadas da barbela e do costado.

Estaria encerrado esse capítulo? Não, pois os patologistas pretendem conhecer mais profundamente a função do melanoblasto e da promelanina (Dopa) na pele bovina. Esse campo de estudo está apenas sendo aberto, ago-



Área do costado, com 50% pigmentado e 50% despigmentado, ampliação de 40 vezes.

ra, e é de grande importância para melhor dimensionar a amplitude dos mandamentos da Zootecnia a serem aplicados aos animais de interesse para a pecuária do mundo tropical.

2a. Parte A palavra da Fisiologia

Foram escolhidas 10 vacas da raça Gir, de pelagem moura de preto, com idade variando entre 5 a 8 anos, todas com Registro Genealógico Definitivo, no rebanho muito tradicional e premia-



A mesma área de costado, com ampliação de 100 vezes.

do do Dr. José Zacharias Junqueira Júnior, a saber:

- filhas do touro SARRO-JZ (A-2374), pigmentado: CARINA (pigmentada), ZORRA (despigmentada), EGLÉ (pigmentada), ESPADA (pigmentada), ARARAÚNA (pigmentada).

- filhas do touro XEREZ-JZ (A-4361), fardamente despigmentado: DANIELA (pigmentada), DESIRÉE (despigmentada), CHACARITA (despigmentada),

DIANA (despigmentada), D. BEIJA (despigmentada).

Objetivo e método - Pretendia-se avaliar o comportamento dos animais durante o repouso e depois de uma corrida de 600 metros. Seriam feitas as seguintes mensurações: diferença de peso, diferença da temperatura, diferença dos movimentos respiratórios e dos batimentos cardíacos. Finalmente, uma análise sobre a volta à normalidade.

Os animais foram presos às 9 horas, para que os trabalhos tivessem início às 11 horas, com intervalo de uma hora para almoço, encerrando-se às 18 horas. Dividiu-se o gado em dois lotes, a saber:

1) *Lote das pigmentadas* - vacas solteiras, gestantes, e com boa aparência (gordas), formado pelas vacas ESPADA, ARARAÚNA, DANIELA, CARINA e EGLÊ.

2) *Lote das despigmentadas* - vacas paridas, desmamadas recentemente e com aparência apenas regular (magras), formado pelas vacas CHACARITA, D. BEIJA, ZORRA, DIANA e DESIRÉE.



A mesma área de costado, com ampliação de 400 vezes.

Os resultados apontados no Quadro, permitem as seguintes conclusões:

1 - **Quanto ao Peso** - Não houve diferença significativa, pois os dois grupos perderam 1,8 kg/vaca/hora.

2 - **Quanto à Temperatura, aos batimentos cardíacos e aos movimentos respiratórios** - Não houve alteração significativa, pois variaram de acordo com a fisiologia individual.

3 - **Quanto à volta à normalidade** - O lote de vacas pigmentadas

voltou ao normal depois de 32 minutos, em média. Já o lote de vacas despigmentadas voltou ao normal depois de 2130.

4 - **Outras observações** de interesse foram as seguintes:

- os animais mais obesos tiveram maior dificuldade em voltar à normalidade - como era esperado.

- os animais do lote despigmentado foram os primeiros a ruminar, porque foram os primeiros a serem testados.

- a vaca DANIELA (pigmentada) foi a única a deitar após o teste, por ter sido acidentada durante o experimento.

- a vaca CHACARITA (despigmentada) foi a única que não ruminou até o final do teste, talvez por se tratar de animal débil e que já tivera problema de saúde.



A mesma área de costado, com ampliação de 200 vezes.

os primeiros a se deitar, quando chegava o momento do pouso. Além disso, afirmavam que a pele despigmentada era propícia a eczemas e bicheiras - nesses animais. Finalmente, deixavam claro que os animais "estrela" eram mestiços e, como tal, não podiam ser registrados. Os técnicos do passado, portanto, confundiam a mancha branca do chamado "triângulo", a qual era - na verdade - a "estrela" oriunda do gado Holandês.

Comentários

No *Bos indicus* não se encontra pele clara (rósea) desprovidas de pelos anexos, como é comum no *Bos taurus*, onde se encontram as verdadeiras áreas de despigmentação, com possibilidade de aparecimento de descamações, eczemas e até câncer.

O Padrão das raças zebuínas, no que diz respeito à desclassificação por despigmentação, foi

baseado na raça Holandesa - o que representa um contrassenso na visão científica da questão.

Tomando por base a raça Holandesa, verifica-se que a mancha preta situa-se na pele preta, enquanto que a mancha branca situa-se, sempre na pele clara. No gado Zebu isto não acontece, porque as cores podem estar tanto sobre a pele preta, como na pele clara.

Os proponentes da desclassificação afirmavam, na ocasião, que os bovinos de corte com despigmentação - geralmente mestiços ou cruzados - após a longa caminhada do dia, eram

Conclusão final

O que se pede, hoje, após a realização deste experimento, é que a ABCZ reveja o capítulo sobre a despigmentação, dando-lhe uma atenção de cunho científico. Afinal, é sabido que, já na primeira geração, é possível eliminar o tom róseo na pele preta, ao qual denomina-se erroneamente, até hoje, de "despigmentação".

Não se encontraram dados significativos sobre a interferência da despigmentação na Histologia e na Fisiologia animal. Ademais, conclusões de técnicos patologistas indicaram que áreas despigmentadas, protegidas por pelos, têm comportamento semelhante ao das áreas pigmentadas.

Se assim não fosse, o perdigueiro jamais seria um cão de caça, bem como o Apaloosa nunca seria um cavalo de índio guerreiro, e o Persa nunca poderia ser um cavalo de guerra. Esses três exemplos, entre tantos outros, deixam claro que o assunto da despigmentação, nas raças zebuínas, precisa ser modificado, com urgência.

VOCÊ SABIA...?

...que um furacão de 10 minutos tem tanta energia quanto todas as reservas nucleares do mundo?

O Triângulo da penúria no país da fartura !

Tito Victor

As camufladas fabriquetas de elefantes zebuínos

Uma coisa é certa: esse negócio de boi virar campeão precoce, empanturrado de tanta comida e, depois, não produzir sêmen, já podia ter terminado, nesse tempo de tanta Ciência conversada e pouco praticada. Quem quer Ciência para castrar o bicho pela boca? Bom, tal animal não consegue sequer cobrir uma vaca e, então, para não perder o embalo da festa, o jeito é inventar algumas progênes (mesmo que seja lá no escondidinho da fazenda, não é?) E tudo termina em pizza no Brasil maravilha, que vem convivendo com esse regime, há muito tempo. A imagem do boi grandalhão continua sendo adubada como a principal mola do marketing, capaz de aliciar mais e mais incautos endinheirados para a roda festiva do Zebu, onde continua valendo tudo, até premiar bois fantasmas.

Antigamente, os "doutores do Zebu" desfilavam sua sabedoria pelas exposições com uma varinha para medir orelhas. Depois, trocaram a varinha por uma enorme genealogia, nem sempre verdadeira. Mais tarde, trocaram por um botijão de sêmen, quase sempre não utilizado. A seguir pelo uso de siglas ocultistas como POI, etc. Hoje, os doutores exibem computadores e tabelas de muitos números. Ninguém discute o modernismo, pois um computador é sempre muito mais elegante que uma simples e magricela varinha de medir orelhas. Antigamente, o doutor em Zebu carregava a varinha e, com ela, media pessoalmente os prolongamentos auriculares dos plácidos zebuínos. Hoje, ele apenas gasta a voz para falar em computador, pois quem maneja o bruto é outra pessoa. Ficou mais cômodo esse modernismo.

Está cada vez mais comum encontrar animais superpesados. Os bezerros pesavam ao redor de 250-290 kg, há alguns anos, quando alguns ousados resolveram seguir o caminho do gado Brahman, cujos criadores determinaram que um bom bezerro deveria pesar 300 kg aos 12 meses, na década

de 1940. Começava a escalada do milagre brasileiro, com um enorme circo onde tudo cabia ... e continua cabendo. Abriu-se a cornucópia com faixa de "ciência zootécnica" escancarada na cara de todo mundo. Bastaram meia dúzia de anos e o que é que se vê? Bezerros pesando 450 kg aos 9 meses - e há quem diga que esse bicho não é tão pesado, poderia ser melhor, etc. Está virando "moda" produzir alguns bezerros com tanto chumbo na barriga. Pelo menos, o tal papel genealógico diz que é "chumbo" mesmo, já que ele, o papel, garante ser honesto e perfeito. Esse bezerro moderníssimo, de pura e genuína raça zebuína, pesa mais que os bois gordos de 40 anos atrás! É duro de acreditar! Todo mundo sabe fazer contas e a maquininha eletrônica, devidamente casada com a Zootecnia, mostra o seguinte cálculo: esse bezerro vai estar pesando 828 kg aos 18 meses.

Uau! Dessa vez, o Brasil descobriu a receita de fazer elefantes com cara de boi! O livro Guinness terá que aumentar as páginas para atender a pecuária do Zebu Brasileiro, daqui para a frente. Esse fantástico novilho de exposição, mesmo sendo novilho, já está pesando mais que um touro de campo, pois ainda são difíceis de encontrar os touros, no campo amarelado, pesando 828 kg! E o novo elefante vai mais longe: quando completar 36 meses deverá estar pesando 1.728 kg! Que beleza! Parece mentira, mas não é, pois na Exposição Nacional de Uberaba já houve novilho de 24 meses pesando mais de 850 kg! Todo mundo viu, ninguém mugiu, nem tossiu! Se podia um de 24 meses, porque não engolir também um de 18 meses? Afinal, o negócio não é conquistar novos índices de precocidade, a qualquer custo? No final, tudo é lucro para o Marketing.

O Zebu dá um adeus ao Chianina, ao Marchigiana, ao Charolês, a todo mundo, pois parece que estas raças não têm condição de competir com os novos elefantes da modernidade, mesmo sendo o clássico Zebu que, segundo os grandes doutores da Zootecnia européia, trata-se de animais com pou-

ca condição de melhoramento. O que fazer, agora, com os milhares de livros escritos sobre a supremacia da bovinocultura européia, depois de quase uma centena de anos de rigorosa seleção? Ora, as traças têm grande apetite num país como o Brasil; elas também precisam engordar um pouco, e agora vão se banquetear com os livros não-tupiniquins. E o que fazer com os cursos universitários tão bajulados justamente por ensinar mandamentos europeus durante mais de um século?

Até as revistas estão cheias de fenômenos curiosos e até suspeitos de terem parte com o além. Deus continua sendo brasileiro, e cada vez melhor, cada vez mais bairrista, na defesa incontestável da terrinha santa do Zebu. Deus agora resolveu desancar com os postulados da Zootecnia européia: o que vale para lá já não vale mais nada para cá! Enquanto o mundo inteiro tira o chapéu e faz festa para um ganho genético de 1 (um) por cento em cada geração, os brasileiros mostram ganhos fabulosos, acima de 30% - como se isso fosse até corriqueiro nas contas de Deus e de sua grande invenção, a mãe Natureza! Há plantéis de leite de Zebu, que batem no peito, afirmando que suas vacas aumentam 1.000 kg de leite por geração: negócio para filme de Hollywood, mas não para uma con-

VOCÊ SABIA...?

...que na China antiga existiam geomânticos, literalmente, "adivinhos da terra"? Eles colocavam um disco de metal com inscrições de astronomia e símbolos da água sobre uma pedra magnética e, de acordo com sua orientação, liam as "linhas de força" que se estendiam na paisagem local. Algumas das mais belas vilas e cidades chinesas foram desenhadas por geomantes, que colocavam as casas, árvores e monumentos nos lugares estudados, tendo em vista dispersar ou concentrar a energia, conforme o caso.

versa séria científica!

Das orelhas ao computador: os fatos da danação

Oh! que saudades dos velhos tempos de Uberaba, quando a gente visitava a grande festa e sempre aprendia alguma coisa nova. Agora tudo mudou, o fazendeiro não é mais o dono da bola. Quem dita as regras não são os cochichos dos bastidores, nem a sabedoria enfeitada dos velhos coronéis do Zebu. Hoje existe uma certa obsessão para exibir "coisas da Ciência" e um exército de seminaristas pregando mandamentos de uma "alta" Zootecnia, como se fosse possível existir uma "baixa" Ciência. O problema é que a gente não consegue, no duro, fazer as contas do progresso que deveria estar existindo na pecuária em geral, pois os bichos apresentados nas pistas não convencem a muitos dos fazendeiros

VOCÊ SABIA...?

...que as formigas das regiões alagadiças do Amazonas vivem nos "andares superiores" da floresta, construindo seus ninhos nas árvores, estando assim livres das enchentes? Isso porque, se vivessem no solo, morreriam afogadas aos milhares todos os anos, pois a água geralmente sobe vários metros na época da cheia.

da velha guarda. Ademais, as estatísticas governamentais não estão mostrando nem sinal do milagre que acontece, todos os dias, nas pistas de exposições. Para onde vão os milagres zootécnicos?

Uma coisa é certa: os bichos são grandes e precoces, para quem quer ver essas coisas! Outra coisa é certa: ninguém pode botar defeito, pois qualquer exposição moderna está esbanjando volume de carne sobre quatro patas. O danado é que, no mundo do pé-no-chão, essas duas virtudes têm muito de danação, pois elas caminham juntas, ao lado de um bocado de problemas. Quem seleciona apenas volume, ou precocidade, está sempre perto do buraco econômico. Por que será?

De verdade, quem tem coragem de mostrar um monte de filhos campeões de algum touro premiado grandalhão e precoce? Mas tem que ser "raçador"

de verdade, porque existe muito touro de faturamento alto em semên, exibindo progênies de touros fantasmas que ficam escondidos em certas fazendas, não é? Todo mundo sabe, todo mundo cochicha, e faz de conta que engole essa história. Afinal, isso sempre foi a parte alegre da evolução do Zebu. Não foi à toa que, num certo Simpósio, um palestrante deixou claro que quase 80% (oitenta) dos documentos genealógicos da raça Nelore eram levianos. É claro que isso não acontece apenas com o Nelore! Talvez não sejam 80%, podem ser 60%, ou até 50% - de qualquer forma é o recorde mundial de papel "furado". Genearca fantasma existe, de fato, aos montes, nas fazendas brasileiras, acobertados por essa montanha de papel furado.

Num mundo que derrubou de cabeça para baixo alguns dos mandamentos do passado, é interessante observar que, mesmo durante o Simpósio "Nelore do Ano 2.000", em 1995, um palestrante ainda se orgulhava de exibir animais que tiveram o "formidável peso ao nascer de mais de 80 kg". Qualquer zootecnista mundial descartaria esse produto, imediatamente, pois o que interessa à moderna pecuária de corte são animais que nasçam pesando entre 25, 28, quanto muito, beirando 32 kg. No Brasil, onde falta tanto capim, no entanto, muitos ainda se vangloriam de animais que nascem com 38, 45, 52 kg e, agora, 80 kg, talvez por culpa desses técnicos zanolhos que acabam virando até palestrantes! Continuam pregando justamente o avesso do que preconiza a boa Zootecnia, que diz que uma boa pecuária se faz com bons mestres e bons livros. Onde estão os bons mestres? E qual editora ou entidade de raça tem lançado bons livros sobre Zebu?

Viva a Engenharia Genética e suas bruxarias

Nesse mesmo Simpósio, um outro palestrante deu um show de descobrimento da roda! "Para que discutir maciez de carne, aqui nesse recinto, se isto pode ser conseguido por meio de engenharia genética? Basta infundir em nosso boi Nelore os cromossomos corretos de maciez da carne do coelho, por exemplo, e teremos a melhor carne do mundo!" Descobriu a roda, de novo! Mais uma vez, o milagre brasileiro atacou e marcou outro gol!

Já que a maciez da carne pode ser

obtida por esse caminho, por que não aproveitar a chance e consertar os outros pontos que têm gastado dezenas de anos de nossos abnegados selecionadores? Tudo muito simples: basta incorporar alguns genes da girafa, para melhorar a altura das pernas. Todo mundo precisa de pernas altas, não é? E alguns genes do hipopótamo daria uma notável conformação frigorífica para o Nelore, não é mesmo? Afinal, o hipopótamo nada mais é que um porco grandalhão, ideal para esse cruzamento. Os indubrasilistas poderiam utilizar alguns genes do elefante, para aumentar ainda mais as orelhas, as quais parecem ser a principal característica daquele bovino. Que tal, ainda, alguns genes do lince, para garantir que o bovino tenha uma incrível visão dos perigos nas fronteiras de pecuária de corte?

Para aqueles que acham que o bovino precisa buscar, no campo, seu próprio alimento, então bastaria introduzir alguns genes do antílope. Se preferirem que o bovino fique parado, esperando a carreta com a comida, então bastaria injetar alguns genes de suínos. Tudo muito simples.

Mas, sem dúvida, o grande milagre da engenharia genética seria infundir alguns genes do urso polar e do camelo, ao mesmo tempo, no bovino tropical. Aí, sim, o animal teria a rusticidade para o frio e também para o calor. Um show de engenharia genética, bem tupiniquim.

O Brasil corre na dianteira da engenharia genética bovina: existe Ciência para tudo e para todos os gostos. Existem várias empresas, cada uma com seu programa próprio de computação e seus parâmetros de avaliação. Até parece que pecuária virou Marketing,

VOCÊ SABIA...?

...que declinou o consumo de carne bovina e suína, legumes processados, açúcar, doces, café e chá, da década de 1970 até os dias atuais, nos Estados Unidos? Isso tem ocorrido porque o perfil da preferência dos consumidores norte-americanos quanto aos alimentos alterou-se substancialmente. Passou-se a ingerir mais carne de frango, queijo, frutas e legumes frescos, frutas processadas ou em forma de suco, produtos derivados de cereais, e outros alimentos processados.

com certeza! Antigamente, o comprador queria um animal que viesse embalado com a varinha comprobatória do comprimento de sua prodigiosa orelha; agora tem que vir embalado por muitas folhas de computador, cheias de números criptográficos.

O Triângulo da Penúria

Dizem que as estatísticas foram inventadas para serem manipuladas, a bel prazer, até na pecuária. Por isso, todo mundo acostumou-se a ouvir um imenso besteiro, até nos Simpósios. Por exemplo: há quem diga que o gado branco zebuino, de corte, abrange 80% da pecuária nacional, enquanto outros dizem que mal chega a 50%. Quando apelam para números, alguns dizem 100 milhões de cabeças, outros dizem 80 milhões ou uns modestos 60 milhões. Tais cifras discordantes entre si, se ditas nas esquinas ou nos botecos até que seriam toleráveis, mas num recinto de Simpósio?

O mais engraçado é a análise desses números. Veja só: o Brasil é um país felizado, com uma cabeça de bovino por habitante: isso é estatística oficial. Ora, supondo que 80% da pecuária de gado de corte seja constituída por gado branco, e sabendo que 80% do povo passa fome, ou algum tipo de subnutrição, e que também existe uma cabeça para cada habitante, onde está o erro, ou seja, a carne? Ou melhor, onde está esse bovino que

deveria alimentar o povo? Deveria haver carne sobrando, por todo lado! Afinal, os bovinos existentes no país, ocupam apenas 50% do território brasileiro, ou seja, está sobrando terra prá todo lado. Cabem muitos milhões de outros bovinos, de qualquer coloração no Brasil.

Onde está a carne que não foi exportada e também não chegou à mesa do consumidor? De que adianta o orgulho de o gado ser branco, se não consegue chegar à mesa do povo? A discussão de coloração, portanto, é uma das doideces brasileiras, como várias outras. O tão falado gado branco não chega à mesa do brasileiro povinho, e pronto!

O pior é que, para manter a vaidade da coloração, alguns selecionadores estão aperfeiçoando, sem querer, o gado holandês preto e branco, com a finalidade disfarçada de amamentar os grandalhões bezerros brancos que se destinam às pistas de exposições. E eis aqui um interessante paradoxo do país verde-amarelo: o gado europeu, inapto para os trópicos, acaba salvando a aparência de muito gado zebuino de exposições - quando deveria ser o contrário!

Por que não fazer a conta verdadeira das cabeças bovinas brasileiras, por coloração, de fato? Seria tarefa fácil. A verdade é que virou "moda" afirmar que 80% do rebanho brasileiro é de gado branco - embora ninguém enxergue isso nos campos, e nem procura enxergar.

Nesse pé, para complicar o assunto, depois de constatar que ninguém é dono das estatísticas, no Brasil, chega o Gir e diz que 82% das propriedades brasileiras contam com o sangue Gir. E o Guzerá não fica atrás, salientando que 80% dos cruzamentos bem sucedidos da modernidade são realizados por ele. Ora, tudo isso, ou seja, essas novas estatísticas levam a um gado que pode ser tudo, menos branco.

Assim, tudo isso leva a acreditar que o gado final, ou seja, aquele que acaba indo para o frigorífico, de verdade, não pode ser branco como a neve. Talvez seja um branco sujão, meio baio, meio azulego, meio avermelhado, meio salpicado - até porque existem mais de 30 raças européias misturando sangue com o Zebu, no Brasil. Será que tudinho nasce, cresce e morre branco, nesses cruzamentos com gado europeu vermelho, negro, multicolorido, cerejão, amarelão, etc? Na hora do marketing, todas as colorações acabam virando branco, gozado, né? Nessa cumbuca tem mais coisa do que se imagina. Enquanto a maioria prefere discutir a cor da pelagem, o povo continua passando fome, ou quase!

Para quem gosta de pergunta, então aqui fica uma: qual a coloração do boi culpado pelo baixo índice de desfrute brasileiro? Essa, sim, é a grande pergunta que precisaria ser respondida. Ou será que a culpa é do fazendeiro e não do pobre bovino? Ou dos técnicos nos computadores modernos? ■

Quadrilha utiliza nome da Tropical para aplicar golpes

Nos últimos meses a Editora Agropecuária Tropical foi envolvida, sem ao menos saber o que se passava, num golpe de extorsão. Pessoas utilizando o nome da Tropical e da Comunidade Solidária, programa do governo federal, estavam extorquindo dinheiro de profissionais de diversos setores.

Esse crime foi denunciado à Polícia Federal, pela tradutora Ângela Kaminski, residente em Nova Lima.

Kaminski contou à Polícia Federal que havia recebido um telefonema de uma pessoa identificada como general Saldanha da Cunha, do Instituto Brasileiro de Educação (IBDE). Dias depois recebeu a visita de outra pessoa, com o nome de Januzzi, dizendo ser emissário do general. Nessa visita foi solicitada uma contribuição de R\$ 1 mil a R\$ 2 mil, para o Programa Comunidade

Solidária.

Ela resolveu constatar a veracidade desse pedido diretamente no escritório do programa, em Brasília e descobriu que não havia entidade chamada IBDE ligada à Comunidade Solidária. Com isso ficou confirmada a fraude. De acordo com Ângela Kaminski, a ousadia da quadrilha foi tamanha, que até enviaram convites para um jantar em homenagem ao presidente da República. Para participar do jantar a pessoa deveria depositar R\$ 250,00 em contas determinadas.

A denúncia chegou à Polícia Federal que descobriu a quadrilha de estelionatários. Segundo informações, seis pessoas foram presas pela Polícia Federal de São Paulo, quando tentavam descontar um cheque na capital paulista. Essas pessoas estavam sendo

investigadas há algum tempo, por uso indevido do nome do programa Comunidade Solidária, presidido pela primeira dama, Ruth Cardoso.

Além de utilizar o nome do Programa, o bando estava utilizando publicações da Editora Agropecuária Tropical para a coleta de nomes. De posse dos nomes das pessoas mais influentes do país no setor pecuário, a quadrilha as contatava para lhes outorgar "Diplomas de Mérito", ou honrarias similares.

Sabe-se que a quadrilha funciona há dezenas de anos, distribuindo "Diplomas" e angariando dinheiro de pessoas importantes do país. Parece que existem políticos de grande influência, segundo boatos que transpiraram no último mês, e isso levaria a um retardamento das pesquisas e das providências policiais. No momento, o correto é alertar os pecuaristas e agricultores para não caírem nesse "conto do vigário".**

A mais antiga criação do Brasil: 100 anos de Zebu - (Parte Final)

(Na edição anterior foi abordado o período de 1895 até 1922.)

11 - A PRIMEIRA EXPORTAÇÃO PARA OS ESTADOS UNIDOS

Em 1923 e 1924 aconteceram as exportações para o México e os animais seguiram dali para os Estados Unidos, depois de sobreviverem a dias difíceis devido à guerra mexicana. Os animais haviam sido escolhidos em bons plantéis do Brasil: Guzerá de João de Abreu Júnior, Nelore de Pedro Nunes e Octacílio Lemgruber, e outros.

Esse gado iria ser muito utilizado para a consolidação do Brahman, segundo o livro *"American Brahman"*, permitindo o surgimento do touro ARISTOCRATA, um Guzerá, que seria o pai do famoso MANSO. Pouco antes da importação, Fernando Ruffier havia cumprido uma missão oficial aos Estados Unidos, onde havia observado que o Zebu norte-americano tinha valor no comércio de carnes. Lembrara que tinha conhecimentos de um gado Guzerá que, além de corpulento, também era



O Guzerá da Itaoca, em 1918.

man. Ruffier fez uma conferência no dia 20 de agosto de 1922 para os brasileiros, onde teceu muitos comentários sobre a pecuária norte-americana e brasileira, estando alguns publicados no *"Jornal do Comércio"* do dia seguinte.

12 - A GRANDE VIRADA

As décadas de 1920 e de 1930 modificaram o cenário da pecuária brasileira. Por volta de 1926 brilhava, em Uberaba, o gado tipo *"Induberaba"*, criado por José Caetano Borges e insufla-

Nelore - o qual tinha garantido a expansão do Zebu - mas, no início da década de 1920, já mostrava sinais da infusão do sangue Gir. Tornou-se, então, o "modelo" do Zebu brasileiro. Era o gado que todo fazendeiro poderia pretender, naquela época, de norte a sul do país, com ótima conformação, boa altura e grande peso.

Os mascates apregoavam, abertamente, a necessidade de transformar todo Zebu num único tipo, já vitorioso: o Induberaba. Por conta disso, levavam os fazendeiros a utilizar as fêmeas Guzerá e Nelore para a formação daquele gado. Era o começo de um período negro para as raças puras. Em 1928, os uberabenses rejeitaram o nome *"Induberaba"*, por ser bairrista, e criaram um outro: *"Indubrasil"*, como gado ideal para todo o país. Por conta dessa atitude, José Caetano Borges retirou-se da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro, jurando nunca mais retornar. Ele entendia que todas as raças deveriam ter seu lugar. Fez erigir, então, um monumento ao gado Zebu, para eternizar aquilo que julgava ser um bom trabalho de seleção, identificado pelo touro LONTRA, na cidade. Seu brado de alerta, todavia, cairia no esquecimento.

Rapidamente, o Indubrasil tomou conta do cenário. As raças puras desapareciam dos currais. A ânsia de erguer o Indubrasil era tão grande que a imprensa da época, proclamava a necessidade de até *"caçar as fêmeas de outras raças"* para fazer mais e mais Indubrasil. Realmente, apenas um pu-



A mansidão era o grande motivo das fotografias.

manso e leiteiro. Por meio dessa informação, o gado de marca JA seria bastante utilizado na formação do Brah-

do pelo Herd Book Zebu, de Uberaba. Esse gado era originalmente formado a partir da mistura de gado Guzerá com

nhado de criadores mantinha alguns animais puros, longe da euforia mercantilista. Não faltaram "amigos" de João de Abreu que afirmavam que ali poderia sediar o melhor plantel de Indubrasil do país, devido à aptidão leiteira das fêmeas Guzerá! (SANTIA-GO, 1984, p.151)

Na raça Guzerá, iria permanecer João de Abreu Júnior, convicto da excelência do gado que tinha tamanho, leite, beleza e mansidão. EDUARDO DUVIVIER iria escrever: "João de Abreu foi o mais sacrificado selecionador brasileiro, por ter sido o mais incompreendido, fazendo a seleção para a produção de leite, que sempre pouco valeu, e lutando com a confusão estabelecida e consagrada no antigo padrão oficial da raça, que criava um tipo de denominação inexistente na Índia. Não fosse sua teimosia, que o fez suportar, sem desânimo, as maiores injustiças, o Kankrej de há muito não existiria no país. O Brasil deve-lhe, portanto, este inestimável serviço".



Foto muito divulgada no início do século

rebanho por isso é tão importante. Daí para a frente, apenas seriam utilizados animais próprios da Fazenda Itaoca.

Essa "teimosia" fez com que o rebanho se tornasse o de maior pureza genética na história da pecuária brasi-

leira. (SANTOS - "A Saga do Zebu no Brasil", p.55)

Desde o advento do gado denominado "Indubrasil", as vendas de gado puro-sangue não iam bem. O pior, todavia, foi a quebraadeira dos donos de cafezais, que afetou, bruscamente, os pecuaristas em geral. A periferia do Rio de Janeiro, que ainda sobrevivía, a duras penas, com a renda de um pouco de café, viu-se, de um momento para outro, sem nada. João de Abreu, de novo, passou a repetir o velho sistema de divulgar seu produto: "colocava o gado nas estradas, para vender". Mesmo com a dramática situação financeira, frequentou a Exposição de Petrópolis, em 1933, sempre ampliando o círculo daqueles que davam valor a um gado manso e leiteiro.



O engenho, ao fundo, fabricava a aguardente "Itaoca", tendo o touro PAVILHÃO no rótulo.

TOGO, touro nascido em 1928, na Índia, e trazido pelo importador Francisco Ravísio Lemos para seu pai, Horácio José de Lemos, da Fazenda Benfica, de Juiz de Fora, foi comprado por João de Abreu, nesse período conturbado. Foi este o último touro a entrar no

leira. Hoje, existem linhagens com mais de 60 anos de alta consanguinidade, e documentos que indicam 100 anos de seleção! Algo inédito na Zootecnia moderna!

13 - A QUEBRADEIRA DO CAFÉ

Seguindo-se à queda da Bolsa de Nova Iorque, o governo brasileiro iria queimar dezenas de milhões de sacos de café, no início da década de 1930, nas praças públicas. O preço do gado despencou; se antes valia 1 a 3 contos, caiu para 100 a 200 mil réis. Fêmeas compradas por somas absurdas como 400 contos passaram a valer apenas 400 mil réis! (SANTOS - "A Saga do

14 - O REGISTRO GENEALÓGICO DO ZEBU

Durante a Exposição Nacional de 1936, no antigo Derby (hoje ocupado pelo estádio do Maracanã), aconteceria o grande feito de João de Abreu, na história.

Ali estavam as representações leiteiras das raças Jersey, Guernsey, Holandesa, e outras - geralmente advindas do Rio Grande do Sul, terra de origem do presidente Getúlio Vargas.

Durante o Concurso Leiteiro, o campeão foi DORA-JA, com 11,5 kg. Venceu todas as raças. Também as fêmeas ITA-JA e CAMARADA-JA saíram-se muito bem, com média acima de 10,0 kg. O Zebu destronava as raças européias, naqueles dias.

O público e o próprio presidente, no entanto, tinham olhos para a vaca ALUDRA-JA, enorme, linda, imponente, com peso nunca visto em uma fê

VOCÊ SABIA...?

...que na Índia, 34% das famílias de camponeses e 44% das famílias urbanas vivem em casas de um único cômodo? Nas quatro maiores cidades, a média é de 67%. Em Calcutá é de 79%. Isso quer dizer que existem milhões que vivem e dormem nas ruas.

mea, mais de 650 kg. Era a campeã, de fato.

No momento dos cumprimentos oficiais, quando o presidente Getúlio Vargas via o filme especialmente realizado na Fazenda Itaoca (talvez o primeiro filme realizado em uma fazenda brasileira, sobre o Zebu!) lembrou e imitou um pouco o cientista anti-zebu, Pereira Barreto: "O Zebu pode até ser um gado grande, e aqui vimos que também é leiteiro, mas sua carne realmente não pode disputar, em qualidade, com o gado do sul!". João de Abreu, num gesto de extrema dedicação à causa, respondeu: "Pois essa campeã-de-peso é de Sua Excelência, para um churrasco, aqui no parque".

VOCÊ SABIA...?

...que o café é o segundo maior item do comércio internacional? O primeiro é o petróleo.

O resto da história tornou-se corriqueira: Getúlio só admitiria o tal churrasco se preparado por seu churrasqueiro de São Borja. Foi um corre-corre mas o churrasco ficou pronto, no final da Exposição. Getúlio Vargas, como se esperava, aprovou o sabor, a maciez, e a fidalguia de João de Abreu. Duran-



De CALICUT e BENARES, João de Abreu selecionou a família de "quatro orelhas", que era garantia de muito leite. Foi um gesto pioneiro na Zootecnia do mundo ocidental.

conversa adiante: "E onde esse Serviço teria que ficar. Aqui na capital, Rio de Janeiro?" João de Abreu foi claro e taxativo: "Não, excelência, o Zebu é um gado para todo o Brasil. O Serviço deveria ficar o mais perto possível dos criadores."

Naquele momento, o presidente Getúlio Vargas chamou seu Ministro de Agricultura e determinou o estudo e

15 - O "ASSALTO" AO GADO KANKREJ

Com o início do Registro Genealógico, começava um outro período negro na história de João de Abreu Júnior. Todo o gado deveria ser inscrito no Livro, depois de observado pelas comissões de registro da SRTM-Sociedade Rural do Triângulo Mineiro. A intenção de tais comissões, no entanto, parecia ser a de prejudicar o gado, pois logo na primeira visita, registraram apenas 22 fêmeas e nenhum macho. É SANTIAGO (1984, p.151/151) quem conta: "Por vezes, certos reprodutores que, em sua opinião de criador antigo e capaz, eram os melhores, indispensáveis até para seu trabalho seletivo, foram vítimas da incompreensão de alguns pseudos "técnicos ou conhecedores" enviados para a Fazenda Itaoca. O gado recusado era, a duras penas e altos custos, transferido para São Paulo, onde era registrado. Depois, esse gado retornava para Cantagalo. Houve até ocasiões em que as comissões marcavam todas as fêmeas apresentadas e negavam aprovação a todos os machos - aconselhando o velho e caprichoso selecionador a comprar "bons touros que tinham à venda..."

Esse calvário iria durar muito tempo. O gado Guzerá era perseguido, justamente pela sua excelência. Em 1939, as comissões registraram 1.695 animais Indubrasil, apenas 178 Nelore, 119 Gir e 64 Guzerá. O próprio SANTIAGO, que era técnico de registro, na época, em São Paulo, escreve: "Em (Continua na pág. 47)



PAVILHÃO, campeão nacional, pesou 1.050 kg em 1922 e manteve o recorde de peso das raças zebuínas até quase 1970. Notar a mansidão.

te as conversas, o presidente perguntou qual o melhor caminho para o Zebu. João de Abreu respondeu: "Presidente, faça abrir um Livro de Registro Genealógico que seja útil para todo homem brasileiro, com o aval e a seriedade do Ministério." Getúlio levou a

possível aprovação de um Serviço de Registro Genealógico, o qual viria a ter sua sede na cidade de Uberaba. Dois anos depois, em 1938, tinha início o registro genealógico do Ministério, para todos os brasileiros. O sacrifício da vaca campeã ALUDRA-JA valeu!

FAZENDA DUAS BARRAS

Município: Santo Inácio - PR

Prop.: **Eduardo Alves Alcântara**

Tel.: (044) 352-1263 - Fax.: (044) 352-1262

Caixa Postal 13 - Santo Inácio - Paraná

CRIAÇÃO E SELEÇÃO DA RAÇA PITANGUEIRAS



Roberto Pinheiro

**49 Anos
de
Tradição**
Desde 1946

RESPARDO DO E.A

Nasc. 21/09/92 - Reg. 3400 - Peso. 810 kg
Pai. Asper do E.A - Mãe. Crepole do E.A.
- Grande Campeão Nacional da Raça,
54ª Exposição Nordestina de Animais - Recife/95

Pitangueiras do EA

Eduardo Alves Alcântara

EA

A

FAZENDA PIRACANÃ

Seleção de:
Nelore, Guzerá e Simental

Em Itaituba, PA: Rua Nova de Santana, 61
Fone: (091) 518-1338 / 518-1761



Juarez segurando o Grande Campeão Santarém e Itaituba/95



HOUSTON da BONSUCESSO - RGD E 3469 - Nasc.: 08/07/88
Pai: Gim de Garça RGD C 23 x Mãe: Orca 515 RGD AP 6318
- Grande Campeão Santarém e Itaituba 93 e 94



HITITAS da Bonsucesso
RGD: E. 3468 - Nasc.: 21/08/88
Pai: Ludy de Garça RGD: C6740
Mãe: Orquídia 381 RGD AP. 6359
- Reservada Grande Campeão Santarém e Itaituba / 95

Força do Ideal faz de Juarez um empreendedor de sucesso

A força do ideal e a disposição de luta de um homem fez do garimpeiro Juarez Alves da Silva, um empresário bem sucedido e líder classista respeitado nas cidades de Itaituba e Santarém.

Maranhense de Passagem Franca, Juarez arrumou as malas e mudou-se para a região do Baixo Amazonas, no ano de 1972, buscando novas alternativas de vida.

Começou no garimpo, onde sofreu muito e ganhou dinheiro. Teve que transpor inúmeros problemas típicos da região, como a malária. Mas a sua visão empreendedora o levou a adquirir algumas glebas de terra até formar e modelar fazenda. Aos poucos foi desbravando a mata e implantando um criatório pecuário, até atingir a criação seletiva de hoje com as raças Nelore, Guzerá e Simental.

GADO P.O.

Transpostas as dificuldades iniciais, aquele desbravador passou a criar gado de alta linhagem, com a introdução de vacada de primeira linha e inseminação com semên dos melhores reprodutores brasileiros. Seu plantel é considerado um dos melhores da região e, por isto, tornou-se um dos campeões de premiações nas exposições de gado que participou.



Grupo de Matrizes P.O da Fazenda Piracaná



Grupo de Matrizes P.O. da Fazenda Piracaná

PROP: JUAREZ ALVES DA SILVA

A

Novilhas P.O. - Na faixa de 2 anos da Fazenda Piracaná



Durante a XVIII Expo Feira do Baixo Amazonas, realizada em Santarém, Juarez Alves da Silva foi homenageado pelo prefeito Ruy Correa de Santana, com o troféu de Melhor Criador do Ano. Na VI Exposição de Itaituba - PA, Juarez sagrou-se Grande Campeão em número de pontos, com um lote de touros Grande Campeão e Reservado Campeão da raça Nelore.

O EMPRESÁRIO

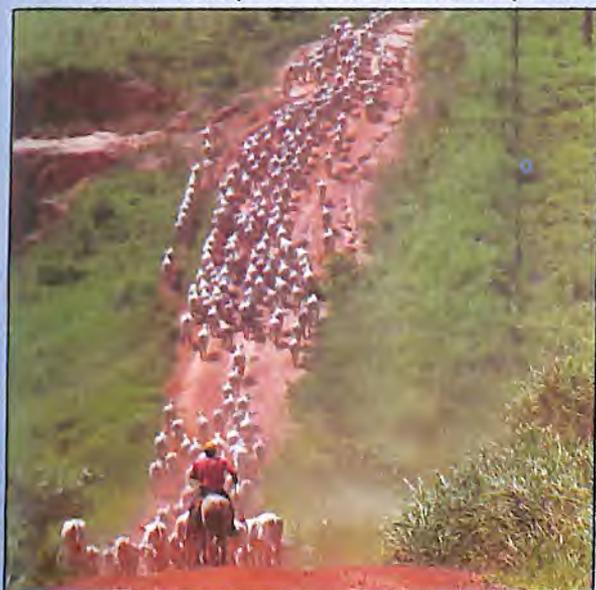
O sucesso do maranhense Juarez Alves da Silva não fica limitado à atividade agropecuária, da qual é um dos líderes, mas transita pelo serviço Aéreo de Taxi e Mineração, presidindo um grupo de empresas de grande porte de Itaituba e Santarém.

Não obstante seu sucesso empresarial, nosso entrevistado não se afastou da vida esportiva, principalmente no que tange a vaquejada, que praticava antes de transferir-se para região de Santarém e Itaituba.

ESPORTISTA

A vaquejada faz parte da vida de Juarez, como esporte preferido. Para melhor desenvolver seu lazer, construiu em sua fazenda uma pista de alto requinte, toda em madeira de lei e piso de areia, como manda o regulamento. Nas competições de vaquejadas, em Santarém, em 94, foi ganhador de um automóvel Corsa e, em Itaituba, outro automóvel, desta vez um Escort. No ano passado, obteve a classificação de primeiro lugar em Santarém e segundo lugar em Itaituba.

No seu projeto de melhoramento de pecuária regional, consta a construção de um recinto para leilões de elite. Além de se enriquecer, o empresário contribui para o progresso da região, levando a efeito empreendimentos que dão novos empregos e promovem o crescimento econômico da população.



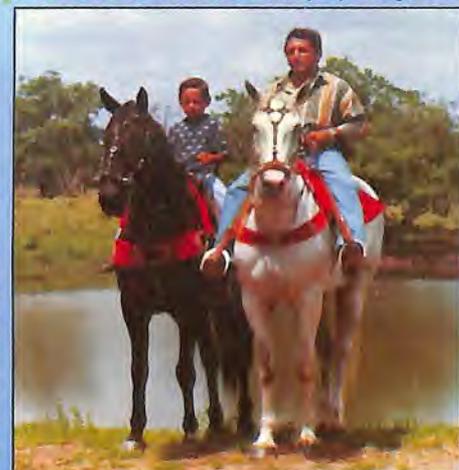
Grupo de Gado após a vacinação seguindo para outro Retiro da Fazenda Piracaná



Perfeito enquadramento ao padrão racial



Juarez e seu filho, Joalison, em seus cavalos campeões de vaquejada



FAZENDA TEOTÔNIO

AGROPECUÁRIA

MADALENA - CEARÁ

Em Fortaleza: Praça da Imprensa s/nº
FONE: (085) 244-8888 - FAX: (085) 244-5824



**GRUPO
EDSON QUEIROZ**



SUMOR DA TEOTÔNIO

RGD: 2030

-1.000 kg aos 48
meses

**Grande
Campeão por
3 anos
seguidos:**

1993, 1994 e 1995
na Expoece
Fortaleza/ CE

**Outros Prêmios
em 1995,
Expoece:**

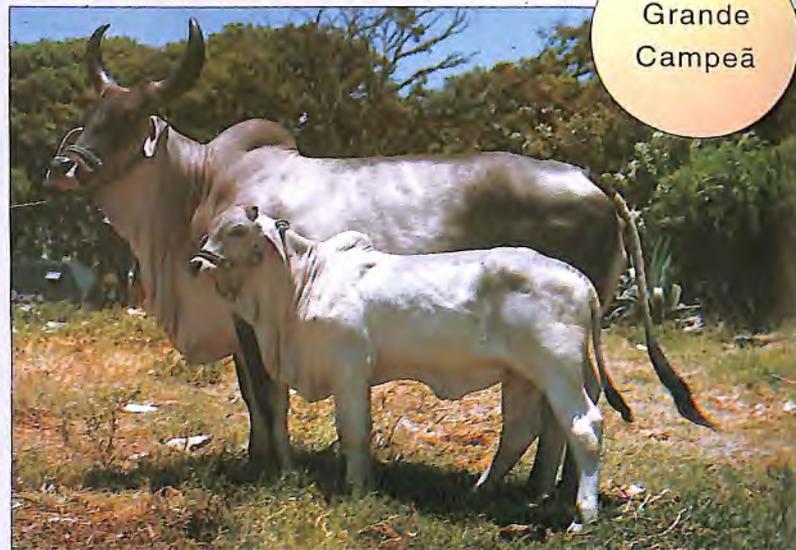
- * Campeã Júnior Menor
- * Campeã Bezerra
- * Campeã Novilha
- * Campeão Bezerro
- * Prog. de Pai - SUMOR
- * Prog. de Mãe - HELVA

**Criação e Seleção da Raça Guzerá Leiteira, há 21 anos.
Plantel com 450 matrizes em produção de tourinhos para
cruzamentos industrial e leiteiro, com resultado comprovado.
Venda permanente.**



VALOR DA TEOTÔNIO

- * Campeão Júnior Maior Expoece / 95
- * Reservado Grande Campeão, na Expoece 95



SANAR DA TEOTÔNIO com cria ao pé

RGD: 1812 - Peso: 650 kg

- * Campeã Vaca Jovem e Grande Campeã
na Expoece / 95.

118 ANOS de nelore

1878 - 1996

NELORE
do
Rio de Janeiro
Para todo o
Brasil

NeloRio

*à frente do
futuro pelo
Nelore
do Rio*

Uma visão geral sobre a história e a atualidade do NELORE no Rio de Janeiro, desde sua chegada, em 1878, até hoje. A grande contribuição do Rio de Janeiro é a estima de seus criadores pela alta tecnologia. Com pequena área geográfica disponível para o NELORE, os criadores buscam a mais elevada produtividade, permitindo observar que estará no Estado um dos celeiros dos campeões do amanhã.

RANCHO HARAS QUITUMBA

PARAÍBA DO SUL - RJ

Eduardo Roscoe Bicalho

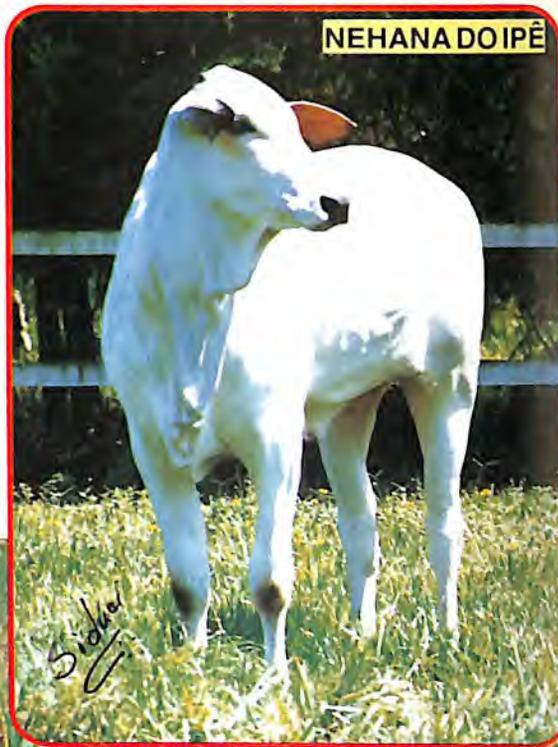
Contato pelos telefones:

Faz.: (033) 989-3812

Escritório: (021) 296-4466 - FAX: 233-4770

É nossa meta oferecer ao mercado reprodutores e matrizes P.O.I., mesmo com um pequeno plantel, fazemos uso constante da inseminação artificial.

NEHANA DO IPÊ



LOTE DE BEZERROS - 9 MESES



LOTE DE VACAS P.O.I





ASSOCIAÇÃO DE
CRIADORES DE
NELORE DO
RIO DE JANEIRO

Presidente:

César Manoel de Souza

1º Vice Presidente

Aprígio Lopes Xavier

2º Vice Presidente:

Luiz Adilson Bon

Diretor Administrativo:

Álvaro Antônio Costa Neto

Vice Diretor Administrativo:

Reinaldo Bruno

Diretor Financeiro:

Guilhermino José de Lizardo Lima

Vice Diretor Financeiro:

Rafael Coutinho

Diretor de Marketing:

Sérgio Santos Rutowitsch

Vice Diretor de marketing:

José Fernando Ribeiro de Castro

Superintendente Geral:

Dilney Ribeiro magalhães

Conselho Consultivo:

Antônio Carlos Chebabe

Antônio José Barbosa

Carlos Afonso Fuzer

Cláudio Duvivier

Edmundo Penna Barbosa da Silva

Eduardo Ballesteros

Eraldo Missagia Serrão

José Danilo da Silva Rangel

Paul Matteson

Paulo César Siruffo Fernandes

Paulo Ernesto Menezes

Paulo Lemgruber

Ricardo Backeuser

Rubens Arêas Venâncio

ÍNDICE

A saga do Zebu no Rio de Janeiro	22
A importância da "Linhagem Lemgruber" na pecuária brasileira	26
O plantel Santa Aminta	37
Fazenda Indiana - 78 Anos de Nelore	38
Uma trilha alternativa para o Nelore do Rio	40

O NELORE NO RIO DE JANEIRO

O Estado do Rio de Janeiro foi a porta de entrada do gado Nelore no Brasil. Em fins do século passado, então desfrutando do status de capital federal, o Estado abrigou as primeiras importações de gado proveniente do Continente Asiático, particularmente da Índia.

Grande foi a incerteza que cercou a empreitada desde o início. A forte influência européia que dominava os hábitos e a cultura do país, a época que se impediram o ingresso de um gado tão exótico, proveniente de terras tão distantes e com características morfológicas tão diferentes do gado europeu. Para culminar, era um gado pouco especializado, um pouco bravo e dotado de uma protuberância sobre as costas que lhe retirava o acabamento visual observado nos taurinos.

A resistência custou a ser vencida, só sendo praticamente superada a partir da segunda metade deste século. Para tanto, muito contribuiu o espírito aventureiro de pecuaristas e comerciantes de outros Estados, que fizeram sucessivas, e arriscadas, viagens ao continente asiático.

Durante várias décadas criadores pioneiros do Rio praticamente foram os responsáveis pela formação do Nelore, promovendo cruzamentos, selecionando padrões raciais e estabelecendo as primeiras linhagens. Por muito tempo, foram eles os supridores de material genético para criadores de outros Estados que iniciaram a introdução do sangue Nelore nos rebanhos mestiço localizados no interior do País, sangue este hoje presente em mais de 70% do rebanho de corte brasileiro.

A ação, contudo, daqueles mencionados pecuaristas, notadamente através das importações verificadas no início da década de 60, terminou por deslocar do Rio de Janeiro o polo dinâmico de desenvolvimento do Nelore. Tal situação manteve-se inalterada até princípios da década de 80, quando começou a recuperação da pecuária fluminense.

Desfeitos do complexo de habitantes da corte da capital federal e refeitos do brutal empobrecimento motivado pela perda daqueles status, os pecua-

ristas deste Estado vem realizando importante esforço de investimento em formação de pastagens, aperfeiçoamento dos mecanismos de comercialização.

E, principalmente, melhoramento dos rebanhos com o uso das técnicas mais modernas de reprodução.

Além disso, muitos pecuaristas fluminenses tem se destacado como importantes compradores de leilões e outros eventos de comercialização, indo buscar em outros centros, o material genético de que precisam para complementar o seu trabalho. Longe de representar uma inversão do processo inicial de introdução do Nelore no Brasil, essas aquisições, aliadas aos processos de inseminação e transferência de embriões, largamente aqui praticadas, colocaram o gado do Estado do Rio rapidamente em padrão de igualdade ao dos mais destacados Estados.

O Estado, portanto, mantém-se e se revigora como insubstituível banco genético da raça, merce dos tradicionais e contemporâneos aqui localizados. Novos criatórios tem sido formados recentemente com o ingresso decidido de empresários urbanos que estão aumentando o uso das terras fluminenses, introduzindo tecnologia de gestão econômica, modernidade, disposição e novos capitais para a atividade, sabiamente de retorno a longo prazo.

O Estado do Rio está preparado para voltar a desfrutar a posição de destaque no cenário do criatório nacional do Nelore, voltando a contribuir de forma decisiva para o desenvolvimento da raça. A NELORIO espera poder catalizar essas ações e talentos para tornar este objetivo uma realidade permanente.

César Manoel de Souza
Presidente da NELORIO



A SAGA DO ZEBU NO RIO DE JANEIRO

Em 1854 ou 1856 chegam animais tidos como da raça Sindi, vindos da Índia Portuguesa para criadores da baixada fluminense. O Barão do Paraná, em suas "memórias" diz que, entre 1850 e 1860, vieram animais das costas de Malabar e Coromandel, para o Rio de Janeiro.

Com a Guerra do Paraguai, em 1864, os batalhões seguem em direção ao país vizinho, para combater o ditador Solano Lopez. O envio de tropas, percorrendo o sertão brasileiro, prosseguiria até 1870. Para abastecer as tropas era preciso mais carne, adquirida nas pequenas localidades. O fornecimento das tropas surgia como uma inesperada chance de enriquecimento, desde que houvesse gado disponível. Rapidamente ficou claro que o gado mais resistente às caminhadas e que melhor sobrevivia diante do clima tropical era o zebu e seus mestiços. Ele poderia prover a carne para as tropas desta e de futuras guerras.

1870

O café já avançava pelas terras roxas e férteis de São Paulo, provocando a decadência dos cafezais das montanhas fluminenses, desgastadas devido ao uso intensivo. As terras cansadas do Vale de Paraíba, principalmente da região de Cantagalo, foram se transformando em pastagens para a criação de gado, que auxiliava nos

transportes pelos caminhos pedregosos e montanhosos. O gado era uma necessidade nos cafezais, tanto quanto o eram os negros escravos, na época.

Segundo um relato do Dr. São Clemente que consta em um artigo escrito por E. Taunay e publicado no "Jornal do Comércio", do Rio, 1880, o engenheiro Luiz Monteiro Caminhoá estaria visitando suas propriedades, Gavião, Aldeia, e outras e teria visto, nesta última, "um grande rebanho que vivia na fazenda, onde os zebus pareciam perfeitamente aclimados e afeiçoados ao trabalho, já em 1875, como pretendia o Barão do Paraná. Pelo contrário, se as Fazendas de Areias, Ribeirão Dourado, Aldeia, etc. possuíam rebanhos é porque o zebu deve ter entrado até antes de 1870. É o que afirma, no texto, o Dr. São Clemente no referido artigo.

Sabe-se, também, que o filho do Barão de Duas Barras, Elias Antônio de Moraes, destinava suas rendas aos mais necessitados. Ele teria resolvido começar a criação de gado para ajudar nas despesas do pai, que mantinha 45 fazendas de café na região. A Fazenda Ribeirão Dourado foi comprada em 1867, mas Elias A. de Moraes jamais teria morado nela, pois preferia permanecer na Fazenda Vale do Rio Grande, quase vizinha. Na Ribeirão morava o seu filho, Dr. Ediberto Moraes. Provavelmente naquela região de Cantagalo, o primeiro zebuino tenha sido mesmo esse Guzerá adquirido por Elias de Moraes, embora con-

trarie o relato do E. Taunay. Tal reprodutor, porém, não impede que existissem outros zebuínos no Estado do Rio e que, em um certo momento, teriam sido remetidos para a região de Cantagalo!

Desse rebanho iriam sair matrizes e touros para dezenas de fazendeiros da região: os Lutterbach, os Monnerat, e foi ali que João de Abreu Júnior foi



Fazenda Lordelo do Barão do Paraná

buscar um macho puro-sangue, GLADIADOR, para o início sistemático de sua seleção.

Existe ainda, o "Manifesto de Uberaba" (1894) mencionando a existência, em caráter oficial, de mais de 1.000 reses zebuínas perto da cidade! Se existia tanto zebu entre 1880 e 1900, de onde poderia ter vindo? Além da multiplicação normal das fazendas fluminenses deve ser levado em conta um fato provável: muitas importações não teriam registrado o gado que chegava. Existe uma constatação que comprova que havia muito mais zebuínos no Rio de Janeiro do que aqueles registrados até hoje pela história.

Segundo citação do prof. Paulino Cavalcanti (O ZEBU, 1935), Elias de Moraes via entrar nos municípios de Cantagalo e Santa Maria Madalena, boiadas de procedência mineira formadas por animais crioulos e mestiços indianos que eram oferecidos uns aos fazendeiros para a sua remonta do gado de trabalho e outros aos açougueiros. Os mestiços eram os preferidos devido ao maior e a sua sólida resistência.



No final do século passado a fazenda era tudo: indústria, colégio, o principal ponto de referência da região de Cantagalo (Fazenda Aldeia)

Em visita à Europa, comprando equipamentos e materiais para sua indústria de fundição, Manoel Ubelhart Lemgruber visitou o Jardim Zoológico de Hamburgo e simpatizou com o gado denominado Nelore. Ali mesmo comprou um lote que chegou no mesmo ano, chefiado pelo touro HANOMET, acompanhado de um vaqueiro que não o largava. Tratava-se de um animal sagrado, segundo o vaqueiro. A Fazenda Santo Antônio, em Sapucaia, iria se tornar uma espécie de "santuário" do Nelore.

Nessa época já podiam ser vistos mestiços zebuínos como animais de trabalho nas propriedades dos Clemente Pinto: Fazendas Areias, Boa Sorte, Aldeia e outras. Em todo local provava-se como o gado mais adequado, destronando as raças européias utilizadas, nesse período.

Ainda em 1880, Manoel U. Lemgruber recebe outro lote, desta vez diretamente da Índia, incluindo o touro NERO que se tornaria famoso pelo grande porte, na época.



NERO - comprado no Jardim Zoológico de Hamburgo. Chegou ao Brasil em 1880, para Manuel Ubelhart Lemgruber, da Fazenda Santo Antônio.

Também chega uma novilha da Inglaterra, comprada por Acácio A. de Azevedo e repassada ao Barão do Paraná.

Nesse ano organizou-se a firma Hagembeck, na Alemanha, por Carl Hagembeck, de Stelligen, próximo a Hamburgo, para exportar animais exóticos. Seria a grande responsável pelas introduções de zebu no Brasil. Outras firmas iriam entrar no ramo, a seguir, pois o negócio parecia promissor. Os catálogos de Hagembeck mos-



O mestiço de zebu arrastando um peso enorme, no início do século, na Fazenda de Henry Bonn

travam os animais indianos, mencionando o nome da raça, tais como: Nelore, Mysore, Hansi, Kankrej, Hissar, etc. O Brasil iria receber qualquer animal indiano como sendo "zebu", sem se preocupar com distinção de raça.

Os mais estudiosos, porém, sabiam ou podiam saber o nome de muitas raças! Mas isso não era importante, na época.

1883

Desembarca no Rio de Janeiro o terceiro lote, encomendado à Hagembeck, pelo criador Manoel Ubelhart Lemgruber, chefiado pelo touro CASTOR que deixaria importante descendência.

1903

Manoel U. Lemgruber vende alguns Nelores para a Fazenda Tambor, em Timbaúba, no Pernambuco. (talvez seja o primeiro gado Nelore a entrar no Estado)

Joaquim Climério Dantas Bião, um nome quase tornaria legendário na Bahia, adquire TANGO e mais duas fêmeas em Manoel Ubelhart Lemgruber, somando com outros animais de Francisco Marcondes, para dar início sistemático à sua seleção. (talvez seja a primeira criação de gado

zebu puro-sangue na Bahia).

1905

Novas importações chegam ao Rio e a Minas Gerais, levando o zebu a ter maior importância no cenário nacional.

1906

Manoel Machado estava entre os compradores e pediu a vinda de um casal de Nelore, de muito boa qualidade, desde que a fêmea viesse enxertada de outro touro diferente.

O ministro viajou para a Índia e encontrou, em Madras excelentes animais tendo comprado vários deles, com atestado oficial passado pelo técnico do Colégio de Veterinária sobre a qualidade dos mesmos no tocante às características raciais. O casal notável teria custado 900 rúpias, o restante, ou seja, outros 4 casais, 250 rúpias cada um. Ao receber o gado, no Brasil, a fêmea, branca, base inicial do plantel OM, pariu uma filha de pelagem vermelha, coisa nunca vista até o momento, embora com todas as características de Nelore puro-sangue e ainda com um registro comprovador. A bezerra recebeu o nome de ITABIRA, em 1906, o touro CACIQUE e a vaca ARACY. Esta seria uma das seleções mais importantes do Brasil.

O restante do núcleo original seria adquirido no plantel de Dantas Bião.

1907

Diversos pecuaristas seguem para



Gado Nelore com influência de sangue Guzerá, no início do século na Fazenda Sant'Anna e do Cel. Sebastião Monnerat Lutterbach.

a Índia e trazem 120 exemplares das raças Guzerá e Nelore, adquiridos em Ahmedabad e Madras. Nesse mesmo ano surge o Decreto 6455 que assegurava o imigrante europeu a ter posse de terras, ferramentas, moradia e assistência médica, em boa não cumprido pelo Governo brasileiro.

1908

O Barão do Paraná publica suas experiências com o título "A Criação de Gado Bovino", fazendo apologia do zebu para posteridade.

Se o criatório do Rio preocupava-se em estudar, fazer pesquisas e apologia do gado indiano, já o criatório do Triângulo Mineiro preocupava-se em comercializar e expandir o mercado.

1909

A partir de 1900 uma série de mecanismos entrava em ação, favorecendo a expansão da pecuária da hinterlândia brasileira. Se assim não fosse, como se garantiria a nova fronteira de desenvolvimento para o país? A abertura de novas fronteiras estava - como continua estando - diretamente relacionada com a população de gado indiano. Os novos mecanismos apenas facilitavam a vida dos criadores que podiam, com mais afinco, dedicar-se à terra onde moravam pois, com o zebu, era mais garantida a renda anual.

1910

Surge a revista "A Fazenda Moderna", no Rio de Janeiro, que inicia uma

batalha pelo zebu.

O Cel. Joaquim Machado Borges adquire do plantel de Manoel Ubelhart Lemgruber, 60 reses. Logo em seguida adquire mais 63. Eram 8 machos e 115 fêmeas, revendendo 58 para criadores de Uberaba e ficando com o restante.

O Nelore fluminense, desde o início, manteve-se fiel ao tipo Ongole. Apenas com o advento de milhares de reprodutores comprados sem muitos cuidados na Índia é que o sangue Misore misturaria com o Ongole. No Rio essa mistura pouco aconteceu, porque os criadores de Nelore mantiveram-se fiéis ao gado original.

1913

O Triângulo Mineiro e o Rio vivem o apogeu do ciclo de importações que se estenderá até o ano de 1921. Neste período chegaram mais de 4 mil animais da Índia. O zebu era uma mina de ouro para os que tivessem coragem e disposição.

1914

O zebu transforma-se, nesse período, em peça de fanatismo, em moeda viva, pois é apresentado como o único gado de corte com real possibilidade

de ocupar o território brasileiro.

1915

Nesse tempo, no Rio, João de Abreu já realizava pesagens do leite, com método próprio, escrita zootécnica, numeração, controle genealógico. Vinha determinado as linhagens de maior produtividade. Também realizava pesagens dos machos utilizando um cordão com muitos nós. As distâncias entre os nós indicavam um animal que julgava ideal; a distância do perímetro torácico, do comprimento total, do comprimento da garupa, da altura total, etc. Alguns amigos e prováveis compradores de gado, para seu plantel, carregavam uma cópia desse cordão, muito antes da existência das balanças de gado.

O objetivo dessa medida era encontrar um gado de muito peso e muito leite. Estava sendo indicado o caminho da pecuária fluminense, diferente do caminho sugerido, na época, pelos



Vaca Nelore importada, boa de leite, Fazenda Santa Clara de Antônio Van Erven, em Cordeiro

triangulinos interessados apenas em pecuária de corte.

1916

Morre, nesse ano, o Barão do Paraná, considerado o mais ilustre fazendeiro do final do século. A Fazenda Lordelo de sua propriedade, em Porto Novo do Cunha, chegou a ser o mais famoso estabelecimento de agricultura no Brasil, ponto de encontro de cientistas e pesquisadores de botânica, agricultura e pecuária.

1917

Começa o apogeu da "guerra" contra o zebu, por parte do governo

paulista, tendo em vista a Exposição Nacional, que aconteceu no Rio. Um fluminense tirou grande proveito dessa exposição: João de Abreu Júnior, que comprou uma balança especial para pesagem de leite e método de cálculo de teor butíroso. Essa talvez tenha sido a primeira balança de pesagem de leite a entrar num curral de zebu.

1918

Acontecia, no Rio, de 13 a 19 de maio, a 2ª Exposição Nacional de Gado, sob o comando da Sociedade Nacional de Agricultura e responsabilidade direta de seu vice-presidente Miguel Calmon.

Devido a uma forte geada que arruinou a maioria de seus cafezais, Pedro Marques Nunes notou que os animais azebuados resistiam melhor, decidindo-se, então a criá-los. Buscou na Fazenda Santo Antônio, de Manoel Lemgruber, vários animais, dentre eles LOURO, SATÃ, RAINHA, FLOR e FIDALGA. O nome de Pedro Marques

O gado zebu estava fortemente representado por rebanhos fluminenses e mineiros, apenas. Destacaram-se animais como TANGO, JANDAIA, ASSEMBLEIA, PARAÍBA E ÍNDIA.

Acontece nesse caso, a chegada do maior contingente de zebuínos da Índia: 1904 cabeças, entrando 1006 por Santos e 898 pelo Rio de Janeiro.

1921

Realiza-se a 1ª Exposição de Cordeiro, no Rio, que passaria à condição de "quase nacional". A partir desse início e com exceção para a grande festa de 1922, o Rio deixaria de realizar exposições nacionais com rigorismo, uma vez que Cordeiro representava perfeitamente esse papel, em plena região de pecuária.



KALIFA - Zebu puro-sangue Nelore importado, na Fazenda Ribeirão Dourado, do Barão de Duas Barras

essa campanha.

O Nelore do Rio de Janeiro tinha se mantido fiel, no correr dos anos, sem se importar nem com orelhas longas e também com o gado Misore. Por conta disso, no futuro ainda longínquo, o Nelore fluminense será censurado por ter orelhas longas em comparação com o restante do Brasil que, tendo sofrido alguma infusão de sangue Misore, apresentava orelhas curtas.

1922

Houve exposições preparatórias em várias cidades, incluindo Uberaba, para escolher o gado que estaria presente à fabulosa Exposição nacional comemorativa do centenário da Independência do Brasil, juntamente com 4ª Expo. Nacional de gado e Indústrias Anexas, no Rio. Seria o maior evento já realizado e contaria com dezenas de embaixadas de outros países.

O primeiro lugar coube ao touro LOURO, um Nelore, que a seguir seria consagrado como "campeão das raças indianas. LOURO havia sido vendido a Pedro Marques Nunes, por 5 contos de réis, em 1918, por Manoel Lemgruber. Com apenas cinco animais no recinto, Pedro Marques Nunes tornou-se uma celebridade nacional. Daí para a frente, seu nome estaria ligado ao desenvolvimento do próprio Nelore, pesado e bem caracterizado.

Essa história precisaria ser escrita com maiores detalhes, pois trata-se de um enorme feito dos fluminenses e mineiros, contribuindo com a pecuária nacional.



PAN - Nº 1 do registro genealógico da raça Nelore, de Pedro Nunes, lembrando o nome PAN, do histórico Manuel Lemgruber.

Nunes será apontado, no futuro, como um dos maiores selecionadores entre os pioneiros, do gado Nelore.

1920

Acontece a 3ª Exposição Nacional no Rio de Janeiro, com a presença de vários países, destacando-se os Estados Unidos, Suíça, Argentina, Uruguai.

No recinto estava a elite fluminense e alguns grandes criadores visitantes. A praça de Cordeiro, ao lado de Cantagalo, constituía a "capital da pecuária fluminense.

Nesse ano, tem início a campanha contra o Nelore fluminense, alegando que se tratava de gado que havia sofrido infusão de sangue Misore. O gado Nelore iria sofrer duras penas devido a

A importância da "Linhagem Lemgruber" na pecuária Brasileira



Fazenda Santo Antônio: Berço do Nelore, no Rio de Janeiro.

Em 6 de maio de 1818, o Rei D. João VI, visando promover o desenvolvimento do Brasil, ainda unido a Portugal, assinou decreto destinado a financiar as despesas com o transporte de cidadãos suíços, compra de terras e construções de casas, com a finalidade de fundar uma colônia em Cantagalo, na fazenda denominada "Morro Queimado". Depois, através do alvará, com data de 03/01/1920, o local passou à denominação de Vila de Nova Friburgo.

Dentre os que participaram da imigração, que abrangeu os anos de 1819/1820, estava a família Lemgruber, originária do cantão de Argóvia, na Suíça Alemã. Era constituída pelos pais Inácio e Luzia, e os filhos Antônio, Fridolin, João, Blasius, Marcus, Maria e Fidelis, cujas idades variavam de 14 a 2 anos. Deles descendem os diversos ramos da família Lemgruber, que hoje existem no Brasil, destacando-se nos mais diversos setores.

Cerca de 60 anos depois, em 1878, Manoel Ubelhart Lemgruber, que pertencia à primeira geração nascida no Brasil, era proprietário da Fazenda Santo Antônio, no município de Sapucaia, Estado do Rio de Janeiro.

Manoel Ubelhart Lemgruber procurava utilizar em sua propriedade as

técnicas mais avançadas no setor da agricultura e da pecuária, fruto das observações feitas durante os estudos e viagens à Europa.

Durante uma visita ao Jardim Zoológico de Hamburgo conheceu alguns



Manoel Ubelhart Lemgruber: o pioneiro do zebu com PIRON, importado por volta de 1906

reprodutores do gado indiano, reunidos pela firma Hagenbeck. O gado Nelore, do tipo Ongole foi o que mais lhe agradou. Com isso fez encomenda de um pequeno lote, que chegou ao

Brasil em outubro de 1878, sendo seu maior destaque o touro HANOMET, cujo nome foi alterado para MAOMÉ. Vieram ainda as vacas VITÓRIA e GOLCONDA, que se destacaram pela boa produção.

Com isso, Manoel Lemgruber foi o pioneiro na introdução, criação e disseminação do Nelore no território nacional.

Os resultados apresentaram-se positivos e dois anos após a chegada dos animais da Índia, em 1880, já estava adquirindo um segundo lote, que tinha como reprodutor o touro NERO. Mais tarde, em 1883, chegou um terceiro lote, com o famoso CASTOR, animal que se tornaria inesquecível pelas qualidades e descendência.

A Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, com a queda do Regime Imperial, repercutiram no ambiente rural, que sofria com uma estrutura deficiente. Porém, o reflexo desses fatos não foi intenso na Fazen-

da Santo Antônio, onde o plantel do gado indiano cresceu depressa, com aclimatação e reprodução atraentes. Alguns pecuaristas como Francisco
(Continua na pág. 35)

LUMU DO PILAR - 1.040 kg aos 48 meses

Adiciona Altura, Peso e Fertilidade.

Uma perfeita combinação das linhagens **LUDY DE GARÇA** e **GODAR**.



Sêmen - R\$ 6,00 a dose

1993 - Campeão Júnior Maior - Campos

- Campeão Novilho Precoce - Campos

1994 - Prog. de Avaliação Touros Jovens - EMBRAPA

1995 - Medidas Oficiais da EXPOINEL

- Comprimento Corporal 183 cm (+ 4)
- Altura Anterior 163 cm (+4)
- Altura Posterior 173 cm (+4)
- Circunferência Escrotal 45 cm (+6)

A maior medida de CE da Expoinel/95

Desenvolvimento Ponderal

Dias	Peso	GPD	Classificação
205	241 kg	1.010	Elite
365	411 kg	1.033	Elite
550	603 kg	1.035	Elite

Sua Mãe permitiu a transferência de 28 embriões viáveis nas 3 primeiras coletas.

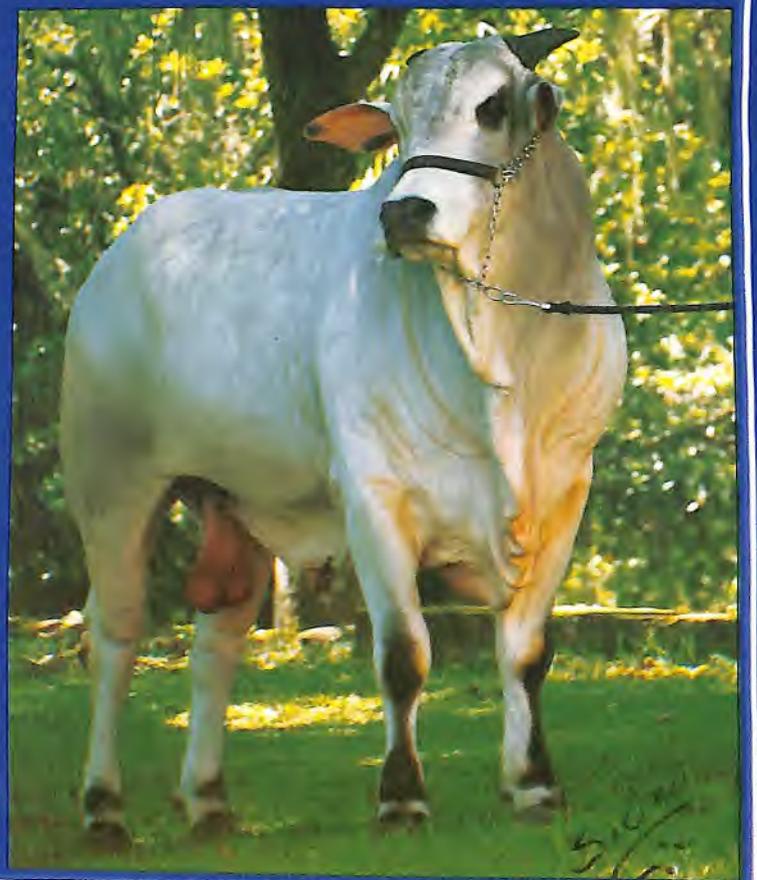
FAZENDA PILAR

Qualidade e Tecnologia em Nelore

Sérgio Santos Rutowitsch

Fone: (021) 247-0380 / 737-2026

TeleFax: (021) 247-9621



AGROPECUÁRIA CARNEIRO

OTÁVIO CARNEIRO

QUISSAMÃ - RJ

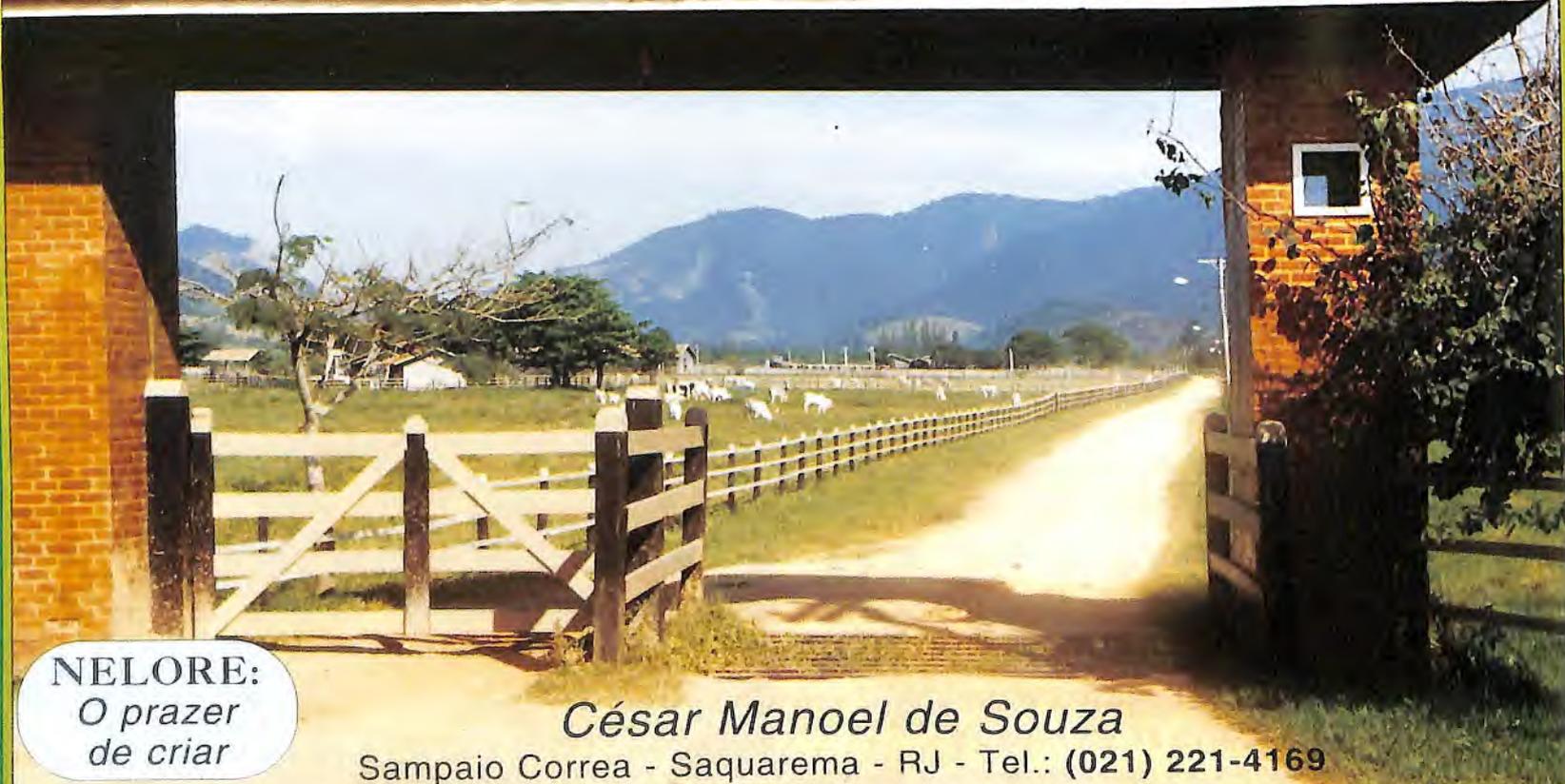
Fone: (0247) 62-0132



SELEÇÃO E
CRIAÇÃO DE
NELORE
HÁ MAIS DE
30 ANOS

Lote de matrizes a campo com excelente caracterização racial.

FAZENDA UBÁS LTDA



NELORE:
O prazer
de criar

César Manoel de Souza

Sampaio Correa - Saquarema - RJ - Tel.: (021) 221-4169

Fazenda Da Pedra

RAÇA E TRADIÇÃO

Km. 26 - Estrada Campos - São Fidélis
1º Distrito de São Fidélis - RJ - CEP: 28001-970
Campos - RJ - Tel: (0247) 22-3058



CIMALAR DA PEDRA

- Neto de FLOR DE OURO, matriz que aos 17 anos produziu sua 14ª cria.
- Descende de TAJ-I, GIM e dos velhos POI que firmaram a origem do rebanho da Fazenda da Pedra

A Fazenda da Pedra, debruçada sobre o Rio Paraíba, uma das mais antigas propriedades da região, foi fundada pela Família Azevedo Coutinho, em meados do Sec. XVIII. O último desse nome, o Barão Sebastião da Cunha Azevedo Coutinho, ali nasceu e morreu (1809/1900). Em 1847, hospedou o jovem Imperador PEDRO II.

Adquirida em 1902 por Raphael Chrysostomo d'Oliveira (Y1919), de Campos, RJ, passou a propriedade para seu filho, Raphael d'Avila Chrysostomo d'Oliveira (Y1945) que iniciou, em 1938, o atual rebanho NELORE com matrizes e

touros de Pedro Marques Nunes que, na Fazenda Indiana, em Barra do Pirai, manteve sua criação, de 1918 a 1938, tendo utilizado os famosos reprodutores MARAJAH, RAJAH e SHEIK, importados.

O plantel da PEDRA foi continuado, a partir de 1945, pelo Emb. Edmundo P. Barbosa da Silva, hoje associado a seu filho Raphael Chrysostomo Barbosa da Silva, na empresa ERBAS AGROPECUÁRIA S/A.

No plantel da Fazenda da Pedra estão vivas as raízes do NELORE do Estado do Rio. Alí, a QUALIDADE respira RAÇA E TRADIÇÃO.



Lote de vacas com boa caracterização racial.

NAPOLEÃO: UM REI COM A MARCA FC.



EC

FAZENDAS CONSORCIADAS

EC

APRÍGIO LOPES XAVIER

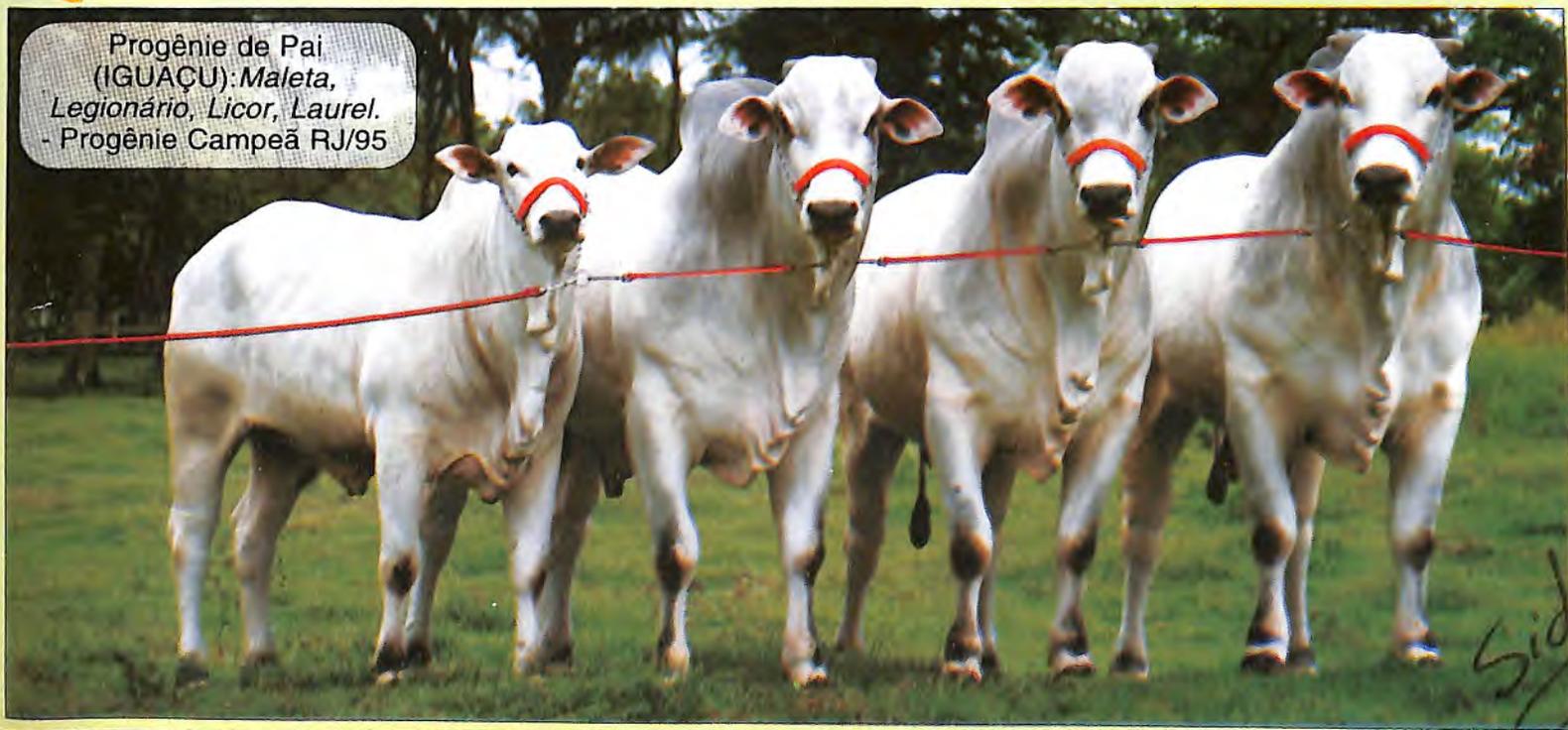
TEL: (021) 756-4141



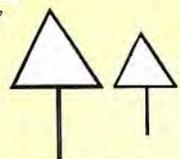
LAUREL

Filho de IGUAÇU, tem se destacado como excelente raçador.
 - Grande Campeão da Raça
 Rio de Janeiro / 95

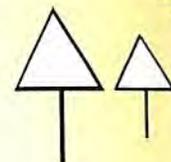
COMPROMISSO COM A QUALIDADE



Progênie de Pai (IGUAÇU): Maleta, Legionário, Licor, Laurel.
 - Progênie Campeã RJ/95



FAZENDA DO BOSQUE



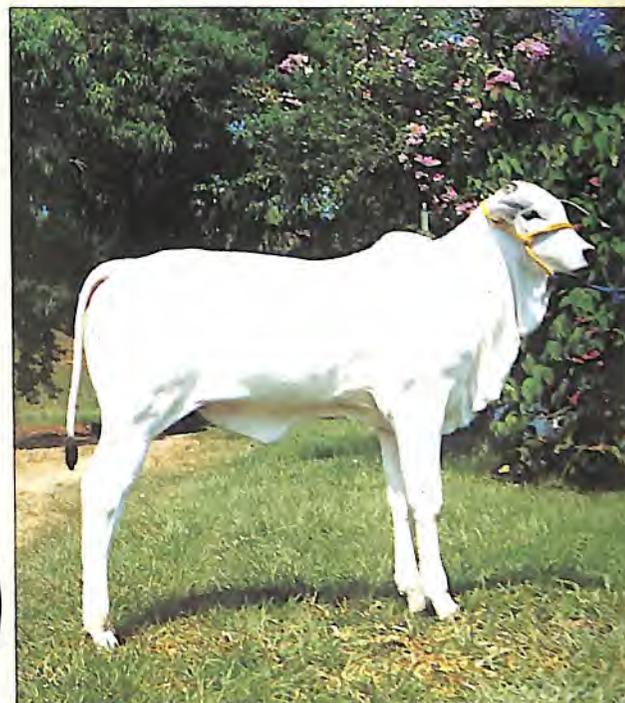
PROP. **ÁLVARO COELHO NETTO**

ITABORAÍ - RJ - TEL: (021) 589-0652 - FAX: (021) 589-0654



GANZÁ BOSQUE (Biari em vaca Taj)

**Venda Permanente de
Tourinhos e Vacas.**



HAWAIANA BOSQUE
(Ludy em vaca Golias)

NELORE
de
alta
qualidade



GALÁXIA BOSQUE
(Vasueda em vaca Taj)

**"BUSCAMOS PESO, FERTILIDADE COM
HABILIDADE MATERNA, PRECOCIDADE
E CARACTERIZAÇÃO RACIAL"**



Lote vacas/novilhas em regime de pasto, inseminadas de Ludy, Vasueda, Idílio, Zefec, Pakar Salon, Piuzan...

Três Morros

Três Razões de Sucesso

Determinação, Qualidade e Resultado



Devoção dos Três Morros

Jisam MJ Sab. X Estilha MF da Zeb.

Campeã Vaca Adulta - Exposição
Agropecuária do Norte Fluminense
(ACNB) - Campos/RJ - 1995

Campeã Vaca Adulta - Exposição
Agropecuária de Quissamã/RJ - 1995

Grande Campeã - Exposição
Especializada em Nelore (ACNB) -
Macaé/RJ - 1994

Melhor Novilha do Estado do Rio de
Janeiro - 1994

ACNB - Associação Criadores Nelore do Brasil

RANKING NACIONAL 94/95

Rio de Janeiro

Melhor Expositor Estadual

Medalha de Prata

52

FAZENDA TRÊS MORROS

casimiro de abreu - rj
Tels.: (021) 585-5185 / (0247)62-5167

Criador:
Sêneca Participações
e Assessoria



FAZENDA SANTO AMARO

Seleção de Reprodutores Nelore desde 1923

Fone: (0242) 52-1755 - (021) 399-9979

TRÊS RIOS - RJ



DETAI DA SANTO AMARO: *Peso: 730 kg - Notar a excelente musculatura e ótimo comprimento.*



EL-REY DA SANTO AMARO: *Tem se destacado como notável reprodutor, dando excelente conformação a seus filhos.*



EVIA DE SANTO AMARO

CLAUDIO DUVIVIER

End. para Correspondência:
Rua Senador Pedro Velho, 255
Rio de Janeiro - RJ

LINHAGEM SANTA AMINTA

- Pureza Racial
- Rusticidade
- Conformação
- Fertilidade, Velocidade de Ganho de Peso

(Continuação da pág.26)

Machado Fernandes, Augusto Lopes de Carvalho e Pedro Marques Nunes foram buscar o início de suas criações na Fazenda Santo Antônio. Em 1903, já vendia um conjunto de animais para Joaquim Climério Dantas Bião, do Recôncavo baiano, que exerceu decisiva influência no formação do rebanho no Estado da Bahia.

Manoel Ubelhart Lemgruber teve o cuidado de recomendar que os animais importados fossem provenientes de fontes diferentes e conservava em sua propriedade três famílias distintas, evitando a consaguinidade. Ele foi um precursor em vários aspectos: mantinha registro particular das reses, controlava a produção leiteira e descartava os animais deficientes.

Na família Lemgruber, o primeiro a aderir à criação do Nelore foi seu primo, Lourenço Augusto Lemgruber (avô



GOLCONDA: importada em 1878

paterno de Paulo Lutterbach Lemgruber), proprietário da Fazenda Boa Esperança, localizada na margem direita do rio Paraíba do Sul, município de Carmo, no Estado do Rio de Janeiro. Utilizava a marca LL, que se destacou nas principais exposições e rebanhos daquela fase.

É importante ressaltar que na 1ª Exposição Nacional do Rio de Janeiro, realizada em 1908, o 1º prêmio e a medalha de ouro foram atribuídos a PAN, de Manoel Ubelhart Lemgruber, enquanto na 2ª Exposição, em 1917, o vencedor foi LAMARÃO, de Lourenço Augusto Lemgruber. Na 4ª Exposição Internacional, em comemoração ao Centenário da Independência, em 1922, o campeão foi LOURO, de Pedro Marques Nunes, criação de Manoel Ubelhart Lemgruber. Com sua morte, em 1995, seu filho Flávio Lemgruber assumiu a seleção do rebanho, bus-

cando preservar as características que o distinguem.

De maneira igual procederam os filhos de Lourenço Augusto Lemgruber - Agostinho Lemgruber e Fidélis Lemgruber (tios de Paulo Lutterbach) e Octacílio Lemgruber (seu pai), continuando a obra iniciada por Manoel Ubelhart e que originou a cognominada "Linhagem Lemgruber".

Porém, da mesma forma que havia um grande número de entusiastas das raças zebuínas, existia outra parcela que as ignoravam, principalmente aqueles que entendiam que importar animais subselecionados de um país subdesenvolvido, desprezando as raças européias que vinham sendo aprimoradas há séculos, pelas aptidões do gado, representava uma agressão aos princípios zootécnicos. A Índia era colônia da Inglaterra, condição em que permaneceu até 1947, quando conquistou a independência.

A exemplo da resistência oposta às raças indianas, comprovada na obra "Guia do Criador Bovino no Brasil" - "A Fazenda Moderna", editada em 1913, de autoria de Eduardo Cotrim, que se referia ao Zebu nos seguintes termos: "Só nos fins do século XIX se começou a importação dos zebus indianos, que hoje avassalaram os campos brasileiros, até que a dolorosa experiência de algum tempo mais, venha provar aos nossos criadores que se fantasiaram por esse ídolo hindu, há muitos séculos existentes na Índia e sempre incapaz de melhoramento, que foi prejudicial para a



PIÁ - Filho de touro importado

criação brasileira, a sua importação." (pág. 135)

Enquanto no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e outros estados, o gado indiano encontrava ampla receptividade e assistia-se o crescimento dos plantéis, em São Paulo era vedada a presença do zebu.

Em 1923, o afamado criador Pedro Marques Nunes, que havia formado seu rebanho com base na "Linhagem Lemgruber", convidou Octacílio Lemgruber para participar de uma exportação de gado zebu para o México. Os animais foram transportados pelo navio "Cabedelo", do Lloyd Brasileiro.

Após uma viagem bastante tumultuada, onde faltou até a alimentação para os animais, chegaram ao México, então governado por Álvaro Obregon, num período em que o país atravessava permanentes conflitos revolucionários.

Segundo Octacílio Lemgruber, nesse ambiente tornou-se difícil a comercialização do gado. O que de-



CASTOR: touro mais famoso do século passado. Importado em 1863

mandou quase seis meses. Após concluir as transações dirigiram-se para os Estados Unidos, de trem e ao atravessar a fronteira, em Laredo, foram detidos com os demais passageiros, permanecendo presos durante uma semana, sofrendo sérias privações até serem libertados.

O resultado dessa exportação de gado Zebu, do Brasil para o México, repercutiu na melhoria do rebanho mexicano e depois, no próprio rebanho americano, com os touros MANSO, BRASILEIRO e SATÁ, que contribuíram para a formação da raça Brahman.

Na segunda metade da década de 40, estes animais passaram a sofrer discriminação, já que o padrão brasileiro da raça Nelore estava condicionado às particularidades dos animais, cuja importação havia sido promovida pelos criadores de Uberaba, destoantes do padrão indiano Ongole (que servia de orientação para os criadores da "Linhagem Lemgruber"). Predominava a preocupação com os detalhes da valorizada "caracterização", tais como as orelhas, o umbigo, em detrimento de aspectos fundamentais como a rusticidade, precocidade no ganho de peso, reprodução, habilidade maternal, além da mansidão, que é tônica da "Linhagem Lemgruber".

Foi uma concepção que acarretou consequências nocivas, implicando em que despencasse o peso dos animais que eram levados às exposições. Isso acarretou num verdadeiro retrocesso na criação nacional encarada globalmente.

Tal critério subsistiu até a década de 60, quando através de novas importações chegaram animais efetivamente do tipo Ongole. Apresentavam algumas diferenças com aqueles que

havia sido adquiridos por Manoel Ubelhart Lemgruber, quase um século antes, pois nesse espaço de tempo a seleção na Índia, que já se tornara uma nação livre, estava mais voltada para a tração de implementos agrícolas e esportes.

A partir daí ocorreu uma flexibilidade do padrão para atender a esses animais, o que abriu novos espaços para a "Linhagem Lemgruber". O ingresso na criação, desde 1974, de empresas que, preocupadas com os resultados econômicos e não em detalhes estéticos, também contribuiu para essa abertura. A atuação de técnicos, imbuídos de novas idéias sobre a performance dos rebanhos também trouxe perspectivas atraentes para a "Linhagem Lemgruber". Nessas novas pesquisas levavam em conta o aspecto da produtividade e o aproveitamento, quer a nível de consumo interno, quer na área de exportação da carne,

Hoje, Paulo Lutterbach Lemgruber está à frente do rebanho da Fazenda São José, que pertencera a Octacílio Lemgruber, desde 1962, ano em que faleceu prematuramente. Preservando a marca OL, acompanhou fases em que era aconselhado a utilizar reprodutores da raça KANGAIAM, para provocar "Choque de Sangue" e aproximar o rebanho do então chamado "Padrão Brasileiro", que apesar das deficiências já referidas, era preferido para as premiações.

A crença no ideal de seus antepassados permitiu que, também ele resistisse a essa tentação. "Os maus tempos passaram e hoje está comprovado que os modismos não sobrevivem, pois a Linhagem Lemgruber mostrou-se a mais válida opção para levar ao Nelore nacional e até mesmo ao

indiano, a indispensável contribuição genética nessa virada de milênio", argumenta Paulo Lemgruber.

Isto pode ser comprovado pelas afirmativas do engenheiro agrônomo indiano, Mullapudi Narendra Nath, presidente da Associação Indiana de Gado Ongole e Secretário da Sociedade de Melhoramento do Gado Ongole, que em visita ao Brasil, afirmou ser o único país que conseguiu explorar o Nelore nos seus mais diferentes graus de aprimoramento, dizendo que tinha interesse específico na "Linhagem Lemgruber", que ainda mantém as características semelhantes ao antigo Gado Ongole, quase já, extinto na Índia, que deu origem ao atual Nelore.

Ao formular esse depoimento seu objetivo é mostrar a importância da "Linhagem Lemgruber", impedindo que se perca na poeira dos tempos a sua origem e, ao mesmo tempo, reverenciar a memória de seus ancestrais e todos aqueles, que levados pela convicção, conseguiram preservar após quase 120 anos, este patrimônio genético de valor incomensurável.

Essa é uma homenagem com muita admiração e respeito, aos idealistas como: Manoel Ubelhart Lemgruber, Flávio Lemgruber, Lourenço Augusto Lemgruber, Agostinho Lemgruber, Fidélis Lemgruber Sobrinho, Octacílio Lemgruber, Pedro Marques Nunes, Geraldo Soares de Paula, Donald Strang, Fernando Penteado Cardoso, Carmem M. Soares de Paula e tantos outros que, embora não referidos nominalmente, contribuíram com lucidez, sacrifício e confiança, para que a "Linhagem Lemgruber" se tornasse perene no cenário da pecuária brasileira.

Paulo Lutterbach Lemgruber



*TUCURUÍ - reprodutor da década de 90
Peso: 1249 kg em Cordeiro - RJ / 90*

FAZENDA SÃO JOSÉ **PAULO LUTERBACH LEMGRUBER**

OL

Cx. Postal: 98509 - CEP: 28.640-000

CARMO - RJ

Fone: (0245) 37-1241

OL

- Atualmente a linhagem Lemgruber tornou-se a melhor opção para quem considera que o animal de pista, deve ter as mesmas características do animal de corte ou seja: pele solta, orelhas médias, cauda longa e que, coincidente, são as mesmas do padrão indiano.

O PLANTEL SANTA AMINTA

Theodoro Eduardo Duvivier iniciou sua própria criação em 1931, aproveitando a experiência de seu pai Eduardo Duvivier, grande pecuarista.

A história do gado Santa Aminta, pode ser dividido em quatro fases:

1930 - Formação de rebanho em Petrópolis, com aquisição dos primeiros reprodutores.

1948 - Expansão: com a aquisição dos primeiros reprodutores e o aproveitamento de um genearca, BALUARTE RG 9.

Por empréstimo do Ministério da Agricultura, Duvivier enriqueceu o seu rebanho com o genearca Baluarte RG 9. Este genearca foi um dos maiores da raça, segundo MM. Santiago do Instituto de Zootecnia de São Paulo.

Com a morte de Baluarte, em 1960, Duvivier adquiriu de Celso Garcia Cid, o touro TENALI, um animal importado que mostrou seu acerto.



Velocidade de Ganho de Peso:

Velocidade de ganho de peso é a alta capacidade de transformar a ração em tecidos corporais. Precocidade é a chegada prematura à idade adulta, com o acabamento prematuro do esqueleto (revelado pela dentição).

A linhagem Santa Aminta, teve muitas premiações: RAMADÃ de Santa Aminta (grande campeão nacional), TURCA de Santa Aminta (campeã nacional em São Paulo), RATINHO de Santa Aminta (aos 12 meses alcançou 482 quilos, e na idade adulta, seu peso ultrapassou a casa dos 800 quilos), ARADO de Santa Aminta (campeão da raça Água Branca, São Paulo, adquirido por Cláudio Duvivier).

Após a venda da sua fazenda, Theodoro Eduardo Duvivier vendeu também, as suas matrizes para criadores do Estado do Paraná, contudo seu irmão Cláudio Duvivier, vinha adquirindo algumas matrizes Santa Aminta e outras da linhagem Edu, de seu pai Eduardo Duvivier da Estância Duvivier, vacas cobertas por touros Santa Aminta.

Quando Theodoro Eduardo Duvivier acabou com sua criação Nelore, vendeu à Cláudio Duvivier os melhores touros que tinha na época: ARADO de Santa Aminta, TÓKIO de Santa Aminta, DRAGÃO de Santa Aminta, etc.

A seleção do gado Santa Aminta continua com Cláudio Duvivier, que

tem, em alguns casos, usado o sêmen dos grandes campeões internacionais.

Cláudio Duvivier continua a preservar a pureza da linhagem Santa Aminta em dois lotes. Em outros usa touros da melhor linhagem como: VISUAL, LUDY, LEGAT, PRADESH, etc. Têm tido, desde então, diversos campeões e campeãs. Mantém na fazenda, animais que atestam a qualidade e perseguição na perfeição da raça Nelore, mantendo o seu objetivo econômico que é alcançar o peso máximo, ou seja, velocidade na hora de venda para o abate, (o novilho precoce) e na fertilidade (a novilha precoce). O animal mais pesado não é o de 5 anos, mas o que alcançar o maior peso na hora do abate, entre 20 e 30 meses.



Grupo de vacas Nelore, quase todas filhas do incomparável genearca Baluarte

1952 - Seleção: quando trabalhou com seus próprios animais e fixou definitivamente seus critérios.

1960 - Aperfeiçoamento.

Todas essas fases se desenvolveram na Fazenda Monte Alegre, localizada em Três Rios (RJ), numa área de 92 alqueires geométricos.

Critérios e Princípios de Seleção:

As únicas diretrizes capitais foram:

- a) Pureza racial
- b) rusticidade
- c) conformação
- d) fertilidade
- e) velocidade de ganho de peso

Origem e Constituição do Rebanho:

Theodoro Eduardo Duvivier, iniciou sua criação, adquirindo de Flávio Lemgruber, filho de Manoel Ubelhart Lemgruber, proprietário da Fazenda Santo Antônio, no município de Sapucaia, um lote de cinco novilhas e o garrote ALADIM.

Em 1948, expandindo a sua criação, adquiriu da Fazenda Indiana, dez novilhas de origem de Pedro Marques Nunes.



TENALI RG-3933 - importado da Índia por Celso Garcia Cid

Os objetivos de aprimoramento do Nelore continuam a ser perseguidos na Fazenda Santo Amaro, de propriedade de Cláudio Duvivier, em Três Rios (RJ).

FAZENDA INDIANA 78 ANOS DE NELORE

A formação do plantel da Fazenda Indiana teve início em 1918, em Taubaté - SP, quando Pedro Nunes, seu então proprietário, adquiriu dois reprodutores puros Nelore, LOURO ML (Campeão Nacional em 1922) e SATAN ML (exportado para o México em 1923). Os reprodutores vieram acompanhados de três matrizes da mesma origem.

A partir desta data, Pedro Nunes adquiriu um grande número de fêmeas puras, formando um excelente núcleo de reprodutoras, que em 1926 foi todo transferido para o município de Pirai - RJ. Deste núcleo inicial, Pedro Nunes apenas vendeu fêmeas para Fazendas Experimentais do Governo, como a Fazenda Getúlio Vargas, em Uberaba e para a Fazenda Experimental de Sertãozinho - SP.

Em 1939, já adoentado, resolveu vender a Fazenda Indiana com as porções fechadas (terras, benfeitorias, máquinas, gado significativo de origem "Da Indiana", etc, tudo foi repassado aos novos proprietários). Os compradores, Durval Garcia de Menezes e membros da família Rocha Miranda, mantiveram uma sociedade até 1949, quando a Fazenda Indiana passou a pertencer somente à família Menezes.

Em 1950, foram vendidas as terras de Pirai e o rebanho foi transferido para Campo Grande, Rio de Janeiro, sempre sob a orientação do zootecnista Durval Garcia de Menezes, que já orientava Pedro Nunes em sua seleção,

desenvolvendo a Fazenda Indiana até 1977, quando faleceu.

MARAJÁ, RAJÁ e SHEIK, registrados na Índia, foram os primeiros touros importados a servir na Fazenda Indiana, onde deixaram uma descendência, consagrada nacionalmente. Vários filhos destes reprodutores trabalharam em quase todos os rebanhos brasileiros, através de LOURO ML e SATAN ML, que também possuíam o sangue de NERO, importado em 1880 e de PIRON, importado em 1906.

Com a compra de reprodutores para diversificação de sangue, entraram no rebanho o sangue dos touros CACIQUE (importado em 1906), BACURAU e GUARUJÁ (importados em 1930).

A Fazenda Indiana utilizou em seu plantel, como proprietária, seis touros importados da Índia em 1962, como DANDÁ, GODAR, THALAVAN, LINHORE e Majori, que deixaram excelente prole. Através dos reprodutores adquiridos, coberturas a meia e uso de sêmen, a Fazenda Indiana registrou em seu rebanho o sangue de reprodutores como ARJUN, KAKINADA, VIJAYA, NARAYANA, SUWARNA e GONTUR, importados em 1960, e ainda EVEREST, GANGES, GODHAVARI, NAGPUR e TAJMAHAL, importados em 1962.

Através das novas linhagens e das atuais, a Fazenda Indiana formou nove famílias, evitando a consanguinidade. Por outro lado, programou a consanguinidade acasalando as 10 melhores filhas, com os respectivos pais. Isso anualmente. Sangue novo é sem-



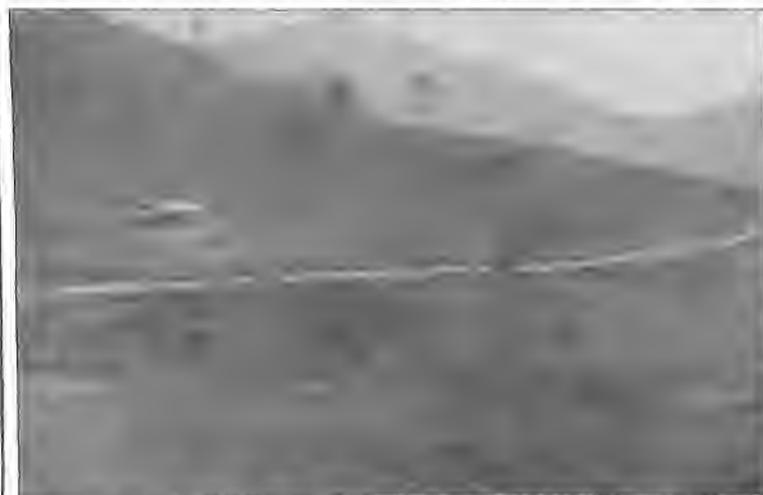
MONARCA - Nº 8 do Registro Genealógico da Raça Nelore

pre benéfico e por isso a Fazenda Indiana está usando cinco novas opções, sendo duas com exclusividade, há 2 anos.

Em 1994, a Fazenda Indiana foi transferida para Itaguaí - RJ (rebanho e marca). O plantel da Indiana, atualmente, é de cerca de 600 reprodutoras nas diversas idades, sendo 200 vacas POI registradas. Todo o plantel é servido por reprodutores POI. As matrizes PO e POI, depois de pesadas ao nascer (9 meses e aos 12 meses) são selecionadas para reposição do plantel, baseadas nos diversos pesos, fenótipo e família e aos 24 meses, com mais de 350 quilos, destinadas à cobertura, a campo ou artificial.

Diversos reprodutores da marca TAÇA se destacaram no passado como: BALUARTE da Indiana RG9, DELHI da Indiana, IDÍLIO da Indiana, ÍDOLO da Indiana, NOBRE da Indiana, e ZATU da Indiana, o reprodutor que fixou a capacidade de ganho de peso no rebanho da Fazenda Indiana, antes das importações de 1960 e 1962. Quase todos campeões nacionais em suas mãos ou de seus clientes.

Atualmente seus reprodutores são todos POI, sendo já testados como ganhadores de peso, alguns do primeiro teste e outros já na produção. Os principais são: NITUR da Indiana, SAGO da Indiana (irmão materno de Onássis da Indiana, campeão nacional), TAXURA da Indiana, TELERI da Indiana (filhos de Thalaivan-Imp). FAN-



O colar de Pérolas da Fazenda Indiana, composto de 950 novilhas Nelore, na estrada, a caminho da sede.

GI da Indiana (um dos melhores reprodutores de todos os tempos). ZABUK POI da Indiana, dentre outros grandes reprodutores.

Numa seleção de gado de corte é importante a escolha de boas matrizes produtoras de leite, afim de conseguir bezerros de qualidade. A maneira mais fácil e econômica, usada na Fazenda Indiana para se obterem tais informações é através do peso da desmama, feita numa mesma idade. Milhares de pesagens foram feitas na para a correta seleção de suas futuras

maternal, entre outras características, são qualidades indiscutíveis das reprodutoras marca Taça. É o resultado positivo de um trabalho iniciado em 1939, por Durval Garcia de Menezes, que instalou, neste mesmo ano, a primeira balança numa Fazenda destinada à seleção da raça Nelore.

A Fazenda Indiana tem exportado Nelore

para a Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Venezuela e foi pioneira na exportação de Nelore, em 1923, fornecendo animais para o México.

Nesse período o México estava em revolução. Por isso, das 85 rezes exportadas, uma pequena parte ficou lá e outros dois pequenos grupos foram para Cuba e Jamaica e a maioria para a América do Norte, influenciando decisivamente para a formação do gado Brahman Americano. (É o que consta em literatura Americana).

Desde 1976 a Fazenda Indiana comercializa seus animais em leilões. Neste ano promoveu, pela primeira vez, um leilão de reprodutores Nelore, dentro de uma propriedade rural. Assim fez em 1976, 1977, 1978 e 1979, quando optou por fazer Leilões com outros participantes, em outros locais.

Em 1988 voltou a fazer um leilão em sua propriedade, com Nelore Vermelho, mochas e de chifres, servidas



MARAJÁ: importado da Índia, magnífico pelo seu tamanho e perfeição de linhas.

por dois reprodutores mochos e dois reprodutores aspados, todos registrados na ABCZ.

Um conjunto de reprodutores de 3 a 4 anos está começando a servir no plantel da Fazenda Indiana, em Itaguaí RJ, dentre os animais de destaque estão: LASSERUDAN POI da Indiana (Taj-Mahal Imp.), MEPTIR POI da Indiana (Thanjavur Imp.) NANGAR POI da Indiana (Godar Imp.), NATIK POI da Indiana (Thanjavur Imp.), NEVAKAN POI da Indiana (Himalaia POI BR), PAGOPHAN POI da Indiana (Himalaia POI BR, Paktan POI da Indiana (Chandaluro Imp.) RAINY POI da Indiana (Chandaluro Imp.), RARYTHAR POI da Indiana (Zabuk POI da Indiana), SEMIHUR POI da Indiana (Taj-Mahal Imp.)

Este ano, a Fazenda Indiana completa 78 anos de seleção de Nelore aspado, 36 anos de seleção de Nelore mocho e 12 anos de seleção de Nelore Vermelho. Um longo período em busca do melhoramento zootécnico e do desenvolvimento do gado Nelore.

Paulo Ernesto de Menezes



LOURO: vendido a Pedro Nunes por 5 contos, para permitir um bom início de seleção. Foi a estrela da Expo. do Centenário, em 1922

matrizes. Hoje, fertilidade, conformação de úbere, tamanho e feitiço das tetas, capacidade leiteira, habilidade



Novilhas Nelore amochadas, notáveis pela sua uniformidade

UMA ALTERNATIVA PARA O NELORE NO RIO FOCO EM TECNOLOGIA

Quando em 1878 Manoel Lemgruber trouxe do zoológico de Hamburgo, o primeiro lote de Nelore e o touro HANOMET, com seu fiel vaqueiro indiano, transformando Sapucaia num "santuário genético", do Nelore, como até hoje é mantido por seus descendentes, o objetivo foi e continua a ser diferenciação por tecnologia, no caso, tecnologia genética.

Em fevereiro de 1996, criadores, expositores, técnicos e juizes do Nelore se reuniram na ABCN, para discutir padrão racial, critérios de julgamento, e escolha de jurados. O que se buscava era uma visualização clara, mas sem amarras, de como atingir crescentes níveis de eficácia e competitividade no Nelore.

Competitividade num mundo que já tem 100 milhões de computadores e estrutura de forma vertiginosa numa "estrada de comunicação" onde idéias, bens e serviços serão transacionados com mais facilidade do que se faz compras hoje, num supermercado. É um desafio de crescente complexidade.

Bill Gates, da Microsoft, diz com procedência que não há mapas confiáveis para territórios inexplorados e certamente há muitos caminhos para se chegar a Roma, o que não se pode fazer porém, é esperar sempre para imitar depois.

Creio que criadores do Rio estão de forma crescente optando pelos caminhos de tecnologia para, dentro dos ditames da raça, obter o máximo de eficácia e competitividade para o Nelore.

O objetivo de aumento de eficácia e competitividade só terá sido atingido pelo uso de uma nova tecnologia em nossas propriedades, quando nossos clientes perceberem que eles têm um ganho qualitativo e/ou econômico na aquisição de nossos reprodutores NELORE, que antes não seria possível, ou quando nosso lucro mostrar que tivemos um retorno suficientemente rápido e atraente para continuarmos a crescer em nosso negócio.

Novas tecnologias têm a necessidade de descrições claras do fim a que destinam, como serão usadas e quais os limites de suas contribuições. O criador precisa entender perfeitamen-

te que o uso de uma nova tecnologia lhe trará de trabalho adicional, riscos e vantagens.

Aferições de resultados impõem-se antes, durante e depois de cada nova etapa. Antes, porque tecnologias altamente eficazes utilizadas sobre conceitos ineficazes, potencializarão a ineficácia. Durante, porque custos e manejo inviabilizam às vezes, na prática, o que na teoria é ótimo. Depois, porque toda opção envolve o chamado custo de oportunidade.

Ao optarmos por um novo caminho com as novas oportunidades ofertadas, estamos forçosamente deixando caminhos e métodos que ofereciam algumas vantagens.

A disponibilização de novas tecnologias é infinitamente superior à capacidade de experimentação de um criador e nosso desafio portanto, é de qual ou quais escolher.

O certo é dividirmos nossa criação em tantas partes quanto necessário for de forma a termos uma clara visão de quantos setores distintos compõem o nosso negócio e com a certeza de que com o somatório de todas as partes temos uma visão completa do todo, nada ficando de fora.

Considerando o universo total das partes que compõem nossa criação como sendo 100%:

a) Qual o peso de cada uma das partes no efeito sobre a qualidade dos reprodutores NELORE que produzimos ?

b) Qual o peso de cada uma das partes sobre nosso lucro ?

Se considerarmos 10 como nota máxima e 1 como nota mínima, que nota dariamos a nosso desempenho em cada uma das partes que compõem nossa criação versus o que julgamos, considerada nossa realidade, deveríamos ter ?

Com essa análise em mãos temos



A tecnologia como objetivo para uniformizar animais altamente produtivos

uma clara fotografia de quais nossos pontos fortes e fracos, onde estamos tendo a qualidade de nossos produtos afetada e onde estamos ganhando e perdendo dinheiro.

A opção por melhorá-los tanto pode ser por reforço de onde somos fortes, minimização de nossas fraquezas ou ambos.

O auxílio de pessoas com experiência e competência na área é recomendável, mas a responsabilidade última da decisão é sempre do próprio criador.

Algumas das tecnologias disponíveis e/ou sendo presentemente testadas em algumas fazendas do Rio, atualmente são: acasalamentos por interação computacional, análise de relação touro/tamanho dos ovários de suas filhas, avaliação de touros e matrizes com auxílio de fotos digitalizadas, avaliação de touros e matrizes por cruzamento computacional de dados, avaliação via Internet de como outras raças promovem seus produtos, inseminação artificial, verificação de prenhez por ultra sonografia, verificação do sexo de embriões por ultra sonografia, transferência de embriões

A análise do que já é possível esperar em termos de resultados no caso dos novos projetos e tecnologias sendo testadas é uma interessante contribuição que criadores e técnicos, juntos, deverão estar compartilhando em artigos no futuro.

Sérgio Santos Rutowitsch

FAZENDA NOVA MODELO SANTA EDWIGES

NELORE & HOLANDÊS PRETO E BRANCO

Estrada de São Tomé, 14
Bairro Santa Isabel - São Gonçalo - CEP: 24.735-710
Telefax: (021) 701-6011 / 701-0188
Esc: Telefax: (021) 710-5583



APOLO DA EDWIGES - Bezerro super pesado, Futuro raçador da Santa Edwiges. Filho do Grande Campeão Nacional Nambi da Mata Velha na seletíssima doadora de embriões do plantel da Pecplan Bradesco JOLLIETTE MJ DA SABIÁ (Fallon x Taj I).
- CAMPEÃO BEZERRO e RESERVADO GRANDE CAMPEÃO
EXPOLAGOS - RJ / 95



GAROA ED DO ARROJO TE - LEGAT em Vaca Jadras MJ Sabiá.
* Campeã Vaca Adulta e Reservada Grande Campeã em Campos/95
* Vaca Premiadíssima em Uberaba, Uberlândia, BH e Patos de Minas



ALIANÇA TE DA EDWIGES - A primeira geração de produtos com a marca Santa Edwiges tem sido espetacular. Esta bela bezerra filha de Iguçu em Vedete da Terra Boa é um bom exemplo

FAZENDA INDIANA
MARCA
TAÇA
MENEZES

NELORE DESDE 1918
PAULO ERNESTO ALVES DE MENEZES

VENDA DE REPRODUTORES E MATRIZES

FAZENDA INDIANA B.V. - ITAGUAÍ-RJ
TEL.: (021) 493.1410 - TELEFAX: (021) 493.3365



HARAS ANDALUZIA

PROP: **DR. LAURO QUEIROZ**

End: Rua Lomas Valentino, 2451 - BELÉM - PA

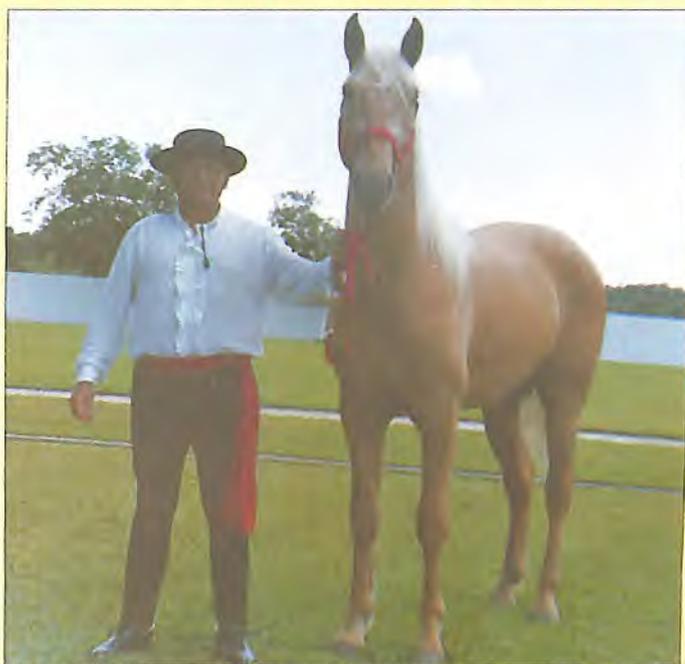
Fone: (091) 226-2839

ALTA SELEÇÃO DE CAVALOS DA RAÇA ANDALUZ



MISTRAL DO TOP

*Filiação: Afiançado de Flandes x Justiça
- Campeão Potro da Raça em Belém / 95*



MISTRAL DO TOP

Ao lado o Proprietário: Dr. Lauro Queiroz



KILATE DO TOP, em prova de salto,
montado por instrutor Português



KILATE DO TOP

*Filiação - Broquel x Marquesa
- Campeão da Raça Belém / 95*

TUDO ACONTECE

Foto: Publique Branco de Imagens



PUBLICQUE

NO PASTO:

O Limousin é uma das mais consagradas raças de corte do mundo. Rústica, produtiva e eficiente, é criada em todas as partes do globo, adaptando-se às mais diversas e adversas condições de clima e temperatura. O Limousin é, por aptidão, o grande melhorador de carcaça e redutor de gordura e músculos de fibra fina (macia).

No Brasil, ela é, seguramente, a raça européia que suporta, com tranqüilidade, o calor e a umidade do norte, nordeste, Brasil-Central e as constantes mudanças de temperatura do resto do país.

Qualite
RÚSTICOS A CAMPO

O REPRODUTOR LIMOUSIN PRODUZ, NO PASTO SEM SUPLEMENTAÇÃO, os melhores e mais pesados bezerros de corte do Brasil. Um só touro Limousin chega a emprenhar mais de 50 vacas numa mesma estação de monta. É por estes motivos que o Limousin é a raça **RÚSTICA E PRODUTIVA POR EXCELÊNCIA**.

Pensando em produtividade, a Marca Corona, nos últimos 10 anos, testou e criou, a campo, várias raças européias e finalmente optou pelo Limousin, em função de sua provada rusticidade, precocidade e qualidade de carne. Chegou-se à conclusão prática de que só os reprodutores Limousin resistiriam às duras e adversas condições da pecuária extensiva brasileira, sendo eleita, então, a raça por excelência para complementar as virtudes do zebu. Virtudes que, aliás, os pecuristas brasileiros souberam aproveitar como ninguém.

CRUZAMENTO INDUSTRIAL = PRODUTIVIDADE

Produzir cada vez mais a custos cada vez menores. Otimizar a relação área de pastagens/kilos de carne/ano.

Numa só palavra. **PRODUTIVIDADE**. E o Limousin é sinônimo de produtividade. Com ele, você irá obter, através do Cruzamento Industrial, um animal pronto para o abate na metade do tempo **com 18 arrobas ou mais e retornando ao produtor 50% do ICMS, através do Programa Oficial do Novilho Precoce**.

Ligue Limousin Corona-(0152) 62.2122



FAZENDA NOVO HORIZONTE - TRAIRI - CE

Em Fortaleza, Av. Cel. Filomeno Gomes, 520

FONE: (085) 281-4344



Venda Permanente de
Matrizes de Alta Linhagem,
Reprodutores
e Tourinhos



Matrizes em Regime de Campo

LUCRE PESADO

BALANÇA ELETRÔNICA PARA PESAR GADO

PESAGEM FÁCIL E RÁPIDA. CONTROLE TOTAL DO REBANHO.

Aplicações: pesagem para abate, apartação de manada, programa de engorda, seleção de matrizes. Pode pesar também sacarias, sementes, rações, etc.

- Sem gradil. Você instala a balança em bretes existentes em sua fazenda.
- Memória para 4.600 pesagens.
- Registra pesagem e quatro tipos de relatórios em tickets.
- Funciona com bateria própria (recarregável) ou de veículos, ou a energia elétrica.
- Rede de Assistência Técnica Toledo.
- Comunica com PC através do software GLINK.



Portátil



TOLEDO

ALTA TECNOLOGIA EM PESAGEM

LIGUE JÁ. PEÇA FOLHETO OU MAIORES INFORMAÇÕES:

TOLEDO DO BRASIL INDÚSTRIA DE BALANÇAS LTDA.

BELÉM, PA	TEL. (091) 233-4891	FORTALEZA, CE	TEL. (085) 231-8728	RIB. PRETO, SP	TEL. (016) 626-4252
B. HORIZONTE, MG	TEL. (031) 462-4888	GOIÂNIA, GO	TEL. (062) 261-5791	R. DE JANEIRO, RJ	TEL. (021) 532-5021
CAMPINAS, SP	TEL. (0192) 38-2133	MANAUS, AM	TEL. (092) 234-6241	SALVADOR, BA	TEL. (071) 384-6618
C. GRANDE, MS	TEL. (067) 741-1300	P. ALEGRE, RS	TEL. (051) 337-2966	S. J. CAMPOS, SP	TEL. (0123) 21-8157
CURITIBA, PR	TEL. (041) 222-7422	RECIFE, PE	TEL. (081) 339-4774	SÃO PAULO, SP	TEL. (011) 274-2011

Capacidade até 2.000 kg.
Pesa até 300 animais/hora.

MATRIZ: RUA DO MANIFESTO, 1183 - CEP 04209-901 - SÃO PAULO - SP - BRASIL

(Continuação da pág. 14)
novembro de 1945, examinamos e marcamos, no Parque da Água Branca, um lote constituído de 10 touros e garrotes oriundos da Fazenda Itaoca, todos de muito boa qualidade, sendo que alguns vieram a servir como reprodutores na Fazenda, como POLIDORO, MINEIRO, RAJÁ, GUAXUPÉ, LUMINOSO e CABOCLO. Entre eles estavam também o garrote que seria o notável raçador TARZAN e aquele que seria até Campeão Nacional, BATURITÉ. Se narramos este fato, é apenas para demonstrar o espírito de luta e a soma de sacrifícios que o destino exige dos pioneiros, como João de Abreu."

Ostécnicos confundiam-se a respeito do que denominar de Guzerá e o que seria o Kankrej Indiano. Assim, preferiam acreditar que o gado correto era aquele que estivesse mais perto de Uberabal E o Rio de Janeiro estava muito longe!

Até em 1954, depois do falecimento do pioneiro, o gado Guzerá-JA continuou sofrendo pressões, conforme conta seu filho, Allyrio Abreu: "Nesse ano, levamos gado bom, e leiteiro, mas que não havia logrado ganhar o registro, para a Exposição Comemorativa do Quarto Centenário, no Parque da Água Branca, em São Paulo. Os juízes foram o Prof. João Barisson Villares, o Sr. Virmondes, de Uberaba, e outros. O gado era tão bom que essas autoridades admitiram que o lote inteiro fosse então registrado e, depois, muitos animais foram premiados. Entre os animais estavam alguns que iriam se destacar no plantel fluminense, tais como GLADIADOR, TULIPA, JANGADA, MAZURCA, etc, como sendo de alta produtividade."

16 - A PUREZA DA RAÇA EM DISCUSSÃO

Com a expansão do gado Indubrasil, as raças puras ficaram relegadas a um segundo plano. Rapidamente, poucos criadores sabiam exatamente o padrão original. Surgiu, então, na metade da década de 1930, um movimento que ficou, historicamente, conhecido como de "retorno às raças puras". Esse movimento iria levar o Gir para um exagerado purismo e, no Guzerá, surgiria a discussão de que haviam dois tipos: o Kankrej e o Guzerat. João de Abreu ficou sozinho, na discussão, deixando claro que havia apenas um tipo, o milenar encontrado na Índia, embora com "estilos" diferentes.



PAVILHÃO, manso, pesado, leiteiro e muito bonito - era tudo que João de Abreu queria no Zebu.

Quando surgiu o Registro Genealógico, os técnicos indicavam o Guzerá verdadeiro como sendo aquele que abundava ao redor de Uberaba, geralmente de grande porte, mas sem uma seleção leiteira e racial - como já explicado acima.

João de Abreu Júnior, o veterano pioneiro, insistia na busca do ideal da raça e vários cientistas estavam com ele nessa maratona, a qual teve muitos capítulos interessantes. A solução somente seria apresentada quando o Prof. João Barisson Villares, retornasse da Índia, no início da década de 1950 (depois do falecimento do pioneiro João de Abreu Júnior). Quando chegou ao Brasil, o dedicado cientista compareceu à Fazenda Itaoca, com muitas fotografias e um filme. Exibiu algumas fotografias e ficou satisfeito quando os vaqueiros da fazenda disseram: "Esse gado é da Itaoca mas quem são essas pessoas vestindo 'saias'?" Na verdade, eram vaqueiros da própria Índia!

Estava confirmado, então, que o gado Guzerá de João de Abreu era perfeitamente similar ao gado indiano. Essa luta, no entanto, iria perdurar por muito tempo. Somente em 1962, o trabalho do Prof. Villares - com fotografias e livros trazidos da Índia - iria ser reconhecido, e seria então reescrito o padrão racial, seguindo exatamente o que havia norteado o pioneiro João de Abreu Júnior. A comissão que escreveu o novo padrão era formado pelos filhos de João de Abreu, João Carlos Burguês de Abreu, Allyrio Jordão de Abreu, Prof. Fontes, Ernesto de Salvo e o estudioso Alvarenga, de Goiás. Estaria, então, encerrada a polêmica sobre o Guzerat e o Kankrej, eviden-

ciando que o pioneiro João de Abreu Júnior sempre estivera correto.

17 - GUZERÁ NO PROJETO RONDON

Entre 1938 e 1945 o Serviço Nacional de Proteção aos Índios ganhou notoriedade, abrindo postos de serviços em várias reservas. Era o "Projeto Rondon", que ganharia renome imediato.

Tentando viabilizar cada posto, o governo pensou em colocar ali alguns animais leiteiros. Escolheu o gado mais rústico e leiteiro de que se tinha conhecimento: o Zebu de João de Abreu Júnior. O criador passou a escolher um lote adequado para cada estabelecimento, a saber: Manaus (AM), Itabuna (BA), Rio Branco (AC), Belém (PA), e outros. O Guzerá-JA cumpria seu papel, tornando-se o elo de união entre milênios de história da Índia com milênios de história da civilização indígena brasileira.

Ao mesmo tempo, o gado ganhava fama no Exterior. Brevemente, exportações seriam realizadas para o Senegal, Angola, Moçambique, Colômbia, Bolívia, Venezuela, México, Costa Rica, Nicarágua, e tantos outros países. Em todos esses países restaram, sempre, alguns núcleos que souberam aproveitar as características de mansidão e aptidão leiteira do gado, principalmente na Venezuela, Colômbia, Bolívia e México.

18 - MUITO LEITE, DE FATO

João de Abreu sabia que tinha um bom gado e gostava de promoção.

Sabia que só divulgava quem tinha algo bom. Sempre gostou da imprensa, até porque não tinha representantes ou mascates contratados para seu gado. Era, decididamente, um homem de "marketing" (no linguajar de hoje).

Durante o período da 2a. Guerra Mundial, o Brasil passou a exportar muita carne, e o setor pecuário estava eufórico, crescendo como nunca! João de Abreu podia viajar e promover seu gado, com relativa folga. Os bancos financiavam as compras, devido às exportações. Já em 1939, o país saltava de 50.000, para 80.000 toneladas exportadas. Em 1940, seriam 147.000. Em 1941, mais 120.000, seguidas por 127.000 em 1942. Quando a guerra terminou, as exportações despenharam e, com elas, uma multidão de pecuaristas desavisados.

Em 1937, o rebanho de João de Abreu esteve na Expo. Nacional de São Paulo. Em 1939, na do Rio de Janeiro. Em 1942, na do Rio de Janeiro (foi a última "nacional" do Ministério, na época).

Em 1944, esteve na de Belo Horizonte. Também na Expo. Nacional de Gado Zebu, em Uberaba, pela primeira vez - onde a vaca SIMPATIA-JA foi consagrada a Grande Campeã.

Nem tudo era alegria, nesse período, pois Getúlio Vargas havia determinado o fechamento compulsório ("lacramento") dos engenhos de açúcar, no Rio de Janeiro, em 1939. Essa era uma eficaz fonte de renda na Fazenda Itaoca, depois que os cafezais haviam sido derrubados. O gado Guzerá teria, agora, que suprir todas as necessidades, sozinho, com seu leite e seu valor genético.

"O caminho do Guzerá estava na produtividade de leite e nos cruzamentos" - dizia João de Abreu Júnior. Os cientistas brasileiros, todavia, não acreditavam em "leite de Zebu", encabeçados pelo competente OCTAVIO DOMINGUES. Esse cientista resolveu conferir, *in loco*, o desempenho das vacas de João de Abreu Júnior. Ficou alguns dias na fazenda, para assistir várias ordenhas e trocar opiniões com o pioneiro do Zebu. Foi ali que esboçou mais um livro em sua agenda, dessa vez sobre a potencialidade do Zebu Leiteiro (seria o livro "Gado Leiteiro para o Brasil"). Havia visto gado zebuino produzindo leite, em condições jamais imaginadas pela Ciência Euro-

péia. Esta constatação tinha um valor imensurável para o Zebu do país inteiro.

19 - VIABILIZANDO O GADO TABAPUÃ

No final da década de 1930, analisando seu gado, João de Abreu Júnior resolveu descartar as vacas de pelagem clara, tendo em vista o padrão indiano que ele percebia ser o mais correto. Essas vacas claras, de chifres amplos, tipicamente leiteiras, eram cobçadas por muita gente. Um grande



MANAAR, uma das recordistas de leite da marca JA.

lote foi vendido para a região de Alfenas (Muzambinho) e outros para o Interior paulista.

Nesse tempo, o estudioso Dr. Alberto Ortenblad resolveu adquirir animais Guzerá para consolidar um gado zebuino tipicamente formulado para o Brasil. Antes de tudo, teria que ser mocho, e branco. Escolheu, então, o Guzerá, pelas suas virtudes óbvias, adquirindo gado em João de Abreu Júnior e parte na família Lutterbach, ambos do Rio de Janeiro.

Não é à toa que o pioneiro e estudioso Ortenblad, em suas anotações (*folheto ilustrativo sobre a formação da nova raça*) deixava claro que muitas características do Tabapuã eram oriundas do Guzerá (e não do Gir, como pretendem alguns, ou mesmo do Nelore, como pretendem outros). O novilho mocho, que dera origem ao gado Tabapuã, no entanto, era oriundo de Goiás! O lastro formador do Tabapuã, portanto, era mesmo Guzerá!

Essa circunstância histórica explica a boa aptidão leiteira do gado Tabapuã, seu excelente arqueamento torácico, sua peculiar forma de andamento, sua formação craniana, suas orelhas, sua fronte plana, e outros detalhes. Tudo isso teve origem, de fato, num bom gado Guzerá muito manso e muito leiteiro.

20 - O DESCANSO DO VELHO GUERREIRO

Em 1945, explodiu a "Lei Pecuária", em que Getúlio Vargas cortou todos os créditos destinados ao setor, provocando a maior quebra de crédito na história do criatório nacional. Era uma forma de coibir os abusos dos pecuaristas que buscavam dinheiro nos bancos para finalidades alheias à pecuária. "Cerca de 29.000 propriedades rurais desapareceriam na poeira do tempo, varridas do mapa, naqueles dias conturbados da 'crise pecuária'" (SANTOS, "A Saga do Zebu Brasileiro", p.109)

Daqui até o final de sua vida, João de Abreu Júnior, já alquebrado, muito debilitado, tendo passado por uma vida cheia de atribulações, permaneceu na fazenda, sempre "com o olho no gado".

Todo dia, na parte da manhã, sentava-se na varanda e assistia ao desfile de touros e vacas escolhidas. Testava, até no final dos dias, a mansidão do gado, da seguinte maneira: pedia a um vaqueiro para utilizar uma varinha, tentando tocar o prepúcio do touro. Se o animal hesitasse ou estranhasse, era considerado "não-manso".

Como testamento, fez uma fotografia com o animal que julgava ser o ponto-final de sua vida: FRIBURGO-JA. Deixava claro que, a partir desse animal, poderia ser obtido o Guzerá do futuro. Em 15 de fevereiro de 1949, João de Abreu Júnior faleceu, aos 80 anos.

Diz SANTIAGO (1984, p. 152): "Visitando o recinto de exposições de Cordeiro, não podemos deixar de nos sentir comovidos, ao defrontar com o monumento erguido ao nosso velho e bom amigo, João de Abreu Júnior. Recordamos, então, a vida toda dedicada ao Guzerá, daquele menino imigrante de 1877, que deixou um grande nome na história do Zebu".

OS DEZ MANDAMENTOS DO GADO GUZERÁ

1. **ATENÇÃO ÀS CRIAS** - As fêmeas devem ser férteis, sem defeitos reprodutivos. O umbigo nos machos e úberes nas fêmeas não devem ser pendulosos para evitar ferimentos. A mortalidade das crias deve ser ZERO. O rebanho pouco prolífico comete pecado mortal contra o 1º mandamento do bom criador.
2. **O GADO BOM, RESPIRA BEM** - Só vive quem respira. As narinas do Guzerá são dilatadas, com focinho também dilatado, achatado em direção ao chanfro, saliente, formando um “anel” entre ambos. Amplitude torácica evidente. Bom volume de peito. Não confundir “abertura de peito” (uma tolice!) com “amplitude torácica”.
3. **COMER BEM, SEM DESPERDIÇAR** - O GUZERÁ apresenta um grande volume do aparelho digestivo. Ele enche a pança e deita para ruminar. Bom animal é aquele que evita ficar perambulando à cata de alimentos, massacrando as pastagens. Alta conversão de vegetais em carne e leite significa: comer e deitar por várias horas.
4. **SAÚDE E ANDAMENTO** - O GUZERÁ tem um andar elegante (passo de onça) e macio. Assim ele amortece o grande peso sobre os vegetais. As fêmeas transportam o úbere cheio, com maciez. A pata traseira pisa pouco atrás da dianteira. Tem fortes membros para andar pelas montanhas e alagados, tanto quanto nos desertos.
5. **UM ESCUDO DE DEFESA** - A proteção é feita pela PELE (fina, solta, com muitas rugas e dobras, muito móvel, de cor preta), através do PÉLO (fino e curto, sedoso, oleoso), ARCADAS ORBITÁRIAS (salientes, protegendo a visão, do excesso de luz e até das feras), OLHOS ELÍPTICOS (em direção perpendicular ao perfil, quando em alerta), ORELHAS (médias, muito móveis, ouvindo ruídos de todas direções), MUCOSAS (nasal, perineal, de cor preta ou bem escura).
6. **SUPREMA RUSTICIDADE** - É o GUZERÁ uma das mais rústica das raças, porque foi plasmada em desertos, por vários milênios. É de fácil adequação ao mundo tropical. A mortalidade é baixíssima. Suporta longas caminhadas em busca de água ou alimentos. Quando um Guzerá sucumbe ao flagelo, todos os outros bovinos já morreram antes, diz um ditado!
7. **MUITA MANSIDÃO** - Mesmo com longos chifres, o GUZERÁ é manso, por natureza, para facilitar a ordenha e reduzir a mão-de-obra. A “mansidão”, porém, é um fator de seleção.
8. **LEITE À VONTADE** - O GUZERÁ ultrapassa o volume de leite determinado para o gado tropical, pela FAO. Leite gordo, em ordenhas fáceis. As tetas pequenas e bem distribuídas permitem tiradas macias e ajudam a amamentação das crias.
9. **GRANDE E PESADO** - Deve ser grande para garantir bons mestiços de corte, de trabalho ou de leite. Também para escalar montanhas ou atravessar pântanos. Tem ossos finos e achatados, cabendo mais carne na carcaça. Em regime de campo já provou ter o Maior Ganho de Peso entre as raças zebuínas, no Brasil - nas Provas Oficiais.
10. **AS ARMAS DE ATAQUE** - Só é grande quem sabe se defender. A defesa é uma virtude no gado, nunca um defeito. Os CHIFRES são médios, a ponta é rombuda, nunca muito afiada, a forma de lira é a mais indicada. Os CASCOS são pretos, pequenos e duros para andar em terrenos pedregosos e suportar longas caminhadas. A CAUDA é longa, fina, flexível, com vassoura na altura do jarrete, abundante, suficiente para expulsar insetos e moscas.

Cortesia: Revista Agropecuária Tropical

XX Exposição Regional Agropecuária

Realizada no período de 26 de agosto a 3 de setembro de 95, a 20ª Exposição Agropecuária e Industrial de Iturama contou com uma programação à altura de um grande evento, equiparando-se, assim, às melhores do "ranking" nacional.

Para a realização da mostra, o parque de exposições Edilson Lamartine Mendes recebeu inúmeros melhoramentos em sua infraestrutura, sendo dotado de um recinto para espetáculos que é o primeiro do circuito nacional, inteiramente coberto e destinado a provas do laço, rodeio e shows.

A construção referida, com área coberta de 8.800 metros quadrados, dispõe de pista oval com 110 metros de comprimento e largura máxima de 80 metros. O recinto abriga confortavelmente 15 mil pessoas sentadas, e dispõe de 220 camarotes para quatro pessoas cada.

O palco possui 20 metros de boca, com 120 metros quadrados de área, em sua parte artística. Dotado de dois camarotes amplos e luxuosos, tem ainda em seu andar superior, salão para recepções e outras atividades, tudo perfazendo uma área total de 360 metros quadrados.

O valor imobilizado, adquirido por recursos próprios do Sindicato, ascende a 800 mil dólares, outro dado que serve para aquilatar a grandiosidade do recinto. O local é dotado de dois bares, um destinado às arquibancadas e outro para os camarotes, existindo ainda instalações sanitárias amplas e modernas, para utilização em cada uma das áreas. As arquibancadas foram construídas de tal forma, que permitem sua utilização dentro da maior comodidade possível.

Uma das preocupações da diretoria do Sindicato Rural. O Sindicato, hoje com uma diretoria que tem à frente o pecuarista Rubens Bernardes Coelho, já no segundo mandato, deu à entidade uma dimensão nunca alcançada. E o resultado desse trabalho vem refletindo não só no aspecto promocional, mas também sob o aspecto da modernização dos serviços e ampliação do parque de exposições. Com toda essa ampliação, o parque passa a contar com uma infraestrutura necessária para a realização de grandes eventos rurais.



Montaria em boi.



1º lugar Eder Arce com 228 pontos



1º lugar - Sansão Silva Menezes com 256 pontos.



Pavilhão de bois

Agropecuária e Industrial de Iturama - MG

Iturama detém um dos maiores rebanhos bovinos de Minas e do Brasil. Em sua 20ª exposição foram exibidos animais de alta qualidade, representando os estados de São Paulo, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. Isso demonstra a abrangência da promoção, já tradicional.

A expressão econômica do evento merece destaque. As negociações realizadas durante a 20ª Exposição Regional representaram valores vultosos, tanto na área rural propriamente dita, quanto na área comercial ou na industrial.

Outro ponto alta da festa foram os shows e os rodeios. O rodeio foi realizado entre 31 de agosto e 3 de setembro, contando com a participação das melhores tropas e os melhores peões do país, que apresentaram sensacionais montarias em touros e cavalos. Isso provocou grandes elogios da parte dos conhecedores do assunto.

O rodeio foi organizado pela a equipe já conhecida que dirige anualmente a exposição de Barretos, no Estado de São Paulo, e outras grandes promoções da espécie.

O peão Eder Arce, da cidade de Osvaldo Cruz, São Paulo, foi o campeão na prova de touros e na de cavalos, Sansão Silva de Menezes, de Aurifluma, São Paulo. O prêmio para cada ganhador foi um carro zero quilômetro. A premiação estendeu-se até o quinto lugar de cada modalidade, com valores substanciais, valendo registrar que também foram premiados os participantes do rodeio amador.

Durante a realização do rodeio foram registradas a presença de profissionais do setor, altamente qualificados, tais como os locutores Waltemir Campos, Ivan Diniz e a primeira locutora de rodeios do país, Mara Magalhães.

O peão Adriano Moraes, campeão nacional e internacional de montaria em touros, foi convidado para julgar as montarias.

Outra presença de destaque foi a de Kelly Cristina, madrinheira de renome nacional, cujas atuações já foram destacadas nacionalmente.

Apesar da visível recessão econômica que o país atravessa, houve expressiva presença de público no parque, - durante a exposição, inclusive pessoas das cidades vizinhas, toda a região e ainda de outros Estados. Pode ser calculado um total de mais de 55 mil pessoas durante o evento.



Vista externa do recinto de rodeio coberto com capacidade para 13.000 sentados



Abertura da XX Expô, presidente Rubens

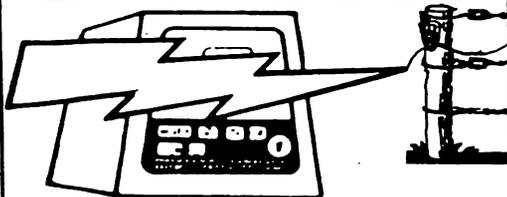


Vista externa do recinto

Hasteamento das bandeiras por Anderson Aduato (Dep. Est.) Ailton (prefeito), Edson Menezes (pres. em Iturama) e Rubinho (Pres. Sind. Rural de Iturama).



CERCA ELÉTRICA DE ALTA POTÊNCIA



SISTEMA DE ALTA POTÊNCIA COM ENERGIA SOLAR COM ENERGIA ELÉTRICA COM BATERIA DE 12 VOLTZ

ALCANCE:

- 3 km de carga elétrica
- 5 km de carga elétrica
- 40 km de carga elétrica
- 60 km de carga elétrica
- 120 km de carga elétrica

UMA LINHA COMPLETA DE ISOLADORES DE ACESSÓRIOS PARA CERCAS



a linha mais completa de aparelhos para o veterinário e a cria de animais



Castração · Inseminação
Vacunação · Obstetria
Tratamento da úbere
Cirurgia

WALMUR É A MARCA DE SEU INSTRUMENTO

CASTRADORES BURDIZZO



METALÚRGICA WALMUR IMPORTADOR E DISTRIBUIDOR

Rua Ernesto da Fontoura 231 Fones/Fax: (051) 343.5844 e 343.5321
CEP 90230-091 Porto Alegre - RS - Brasil

SISTEMAS DE AVALIAÇÃO GENÉTICA DE BOVINOS DE CORTE

O êxito de um programa de melhoria depende, entre outras coisas, de uma maior precisão na avaliação genética dos animais. E para isso, as causas não genéticas que atuam sobre as características avaliadas (ganho de peso, conformação, precocidade e musculatura) devem ser eliminadas ou reduzidas ao máximo, através de práticas de manejo e de ajustes estatísticos adequados.

Para acelerar o esse ganho é necessário que todos os rebanhos estejam conectados entre si, permitindo um maior desenvolvimento. Isso porque envolve a população de vários rebanhos, várias gerações, todos em conexão.

Com os cruzamentos industriais e o desenvolvimento bem sucedido do boi composto, a máxima de que na moderna pecuária de corte, o que vale mesmo não é a raça, mas a performance do rebanho como um todo, ganha cada vez mais evidência.

Pensando desta forma, o Programa Natura, que atinge hoje 42 mil fêmeas controladas no Brasil, vem definindo com rara objetividade a utilização de um Sistema de Avaliação de Bovinos de Corte.

Segundo os coordenadores, este projeto deve ser usado por produtores que acreditam que essas ferramentas, tecnologias e controles, efetivamente respondem em termos de melhoramento genético, resultando no aumento da produtividade do rebanho e por aqueles que vendem genética, através da comercialização de reprodutores.

De acordo com Eduardo Macedo Linhares, diretor da Cabanha Azul e idealizador da empresa Natura Genética Sul-Americana, é o dedo tecnológico e racional do empresário que, sem paixões, introduz na pecuária a praticidade na busca da meta maior: elevar a produtividade. Ele acrescenta ainda que estes sistemas de avaliação não devem ser utilizados por produtores que não acreditam em seus resultados e que só os utiliza como marketing.

VOCÊ SABIA...?

...que os árabes, segundo se sabe, já bebiam café no ano 850 d.C.? A bebida só chegou à Europa quase 700 anos mais tarde.

A MAIS COMPLETA COLEÇÃO SOBRE PECUÁRIA DE CORTE

Lucrando mais, produzindo melhor. Este binômio é o grande desafio da Coleção LUCRANDO COM A PECUÁRIA. A cada volume uma infinidade de informações objetivas de como lucrar com o fascinante mundo da pecuária de corte. Um negócio que movimenta bilhões de dólares anualmente.

Comandada pelo pecuarista Sylvio Lazzarini Neto, uma qualificada equipe de técnicos especializados apresenta com exclusividade o caminho certo para contar o lucro da boiada.

ESCOLHA

- Confinamento de Bovinos
- Cria e Recria
- Engorda a Pasto
- Instalações e Benfeitorias
- A Culinária da Carne
- Manejo de Pastagens
- Estratégias para a Entressafra
- Comercialização de Gado de Corte
- Fontes de Financiamento
- Seleção de Fazendas de Gado
- Saúde de Rebanhos de Corte
- Melhoramentos Genéticos e Reprodução

APROVEITE O DESCONTO ESPECIAL PEDINDO A COLEÇÃO COMPLETA!

Preencha o Cupom e envie para:
SDF EDITORES LTDA. Av. Bernardino de Campos, nº 327 Cx. Postal 54 São Paulo - SP
CEP 04.004-050 Fax: (011) 251-0574
Ou faça seu pedido pelos telefones:
Grande São Paulo Demais Localidades
(011) 251-1444 (0800) 15-1444
(ligação gratuita)

NÃO PERCA TEMPO. MANDE JÁ O SEU PEDIDO

SIM! Quero receber os seguintes volumes

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ UF: _____
Cidade: _____
RG: _____
CIC/CGC: _____

FORMA DE PAGAMENTO:

() Cobrança Bancária

() Cheque Nominal à SDF EDITORES LTDA.
Assinatura: _____

Data: _____

A CABRA ANGLONUBIANA

Esta raça, originária da Grã-Bretanha, surgiu do cruzamento de bodes nubianos puros de origem com cabras nativas originárias da Ásia e da África. Data de 1859 os primeiros exemplares registrados com características somáticas que conduziram os criadores britânicos à atual Anglonubiana. Com a formação da "British Goat Society" - Sociedade Britânica de Criadores de Cabras -, no ano de 1895, a raça Anglonubiana sofreu uma importante evolução, pois foi melhorada com o auxílio de técnicos de todas as partes do mundo que, a convite da Sociedade, prestaram serviços na melhoria da raça.

Em sucessivos estágios,

ponta do focinho em até 3 cm, chifruda ou amochada, olhos vivos grandes e brilhantes, pescoço bem implantado, musculoso, médio, com ou sem barbela nos machos, delicado, bem levantado, peito amplo, musculoso e profundo, costelas bem arqueadas, ventre amplo profundo e de boa capacidade, ancas bem separadas, garupa longa, suavemente inclinada, membros fortes bem aprumados com cascos fortes e escuros, testículos normalmente desenvolvidos, médios e móveis, com bolsa escrotal normalmente desenvolvida de pele solta, úbere volumoso, macio e bem inserido com bons ligamentos, com têtas simétricas

dirigidas ligeiramente para frente. Possui todas as variedades de pelagem, com pelos curtos e brilhantes, pele solta predominando a cor escura e tem altura de 70 a 90 cm nos machos,

60 a 70 cm nas fêmeas.

A raça é de dupla aptidão, sendo de excelente criação para leite e carne. Apresenta bons resultados no ambiente tropical, que é a maior garantia para o sucesso no Brasil. Seleccionada para altas produções leiteiras, quando bem alimentadas e manejadas, chegam a produzir média de

kg/dia, de um leite rico em gordura, com 4 a 6% de matéria graxa, especial para a produção de queijos finos.

A cabra Anglonubiana é possuidora de notável carcaça, pesando até 120 kg, com média de 90 kg nos machos e até 90 kg, média de 70 kg nas fêmeas. Possui as partes de cortes nobres bem definidas onde sua carne succulenta é disputada pelos restaurantes finos. Che-



gam a procriar, quando direcionadas para produção de cabritos, até duas vezes ao ano, ou um parto a cada 6 meses, com 1,5 cabritos por parto em média. Os cabritos atingem 18 a 20 kg com apenas 90 dias de idade.



a raça Anglonubiana foi evoluindo e, com o tempo, foi criado o padrão racial ideal com as seguintes características: cabeça bem conformada, proporcional ao corpo, com perfil convexo, orelhas com implantação alta, longas e espalmadas, pendentes, dirigidas para fora e voltadas para frente nas extremidades ultrapassando a

PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DA CAPRINOCULTURA LEITEIRA NO RIO DE JANEIRO

Os objetivos deste programa são:

- subsidiar os extensionistas nas orientações técnicas e econômicas e o criador na tomada de decisão.
- subsidiar órgãos governamentais responsáveis pelo estabelecimento de políticas para a caprinocultura.
- orientar a pesquisa na seleção de Programas e Problemas prioritários.
- dar ao extensionista e administrador, condições de trabalhar integrados de forma direcionada, utilizando

o tempo necessário para provar numericamente a contribuição da extensão rural nas mudanças técnico-econômicas da empresa rural.

- transformar as unidades de produção leiteira em propriedades demonstrativas, considerando sem efeito multiplicador e centro de negócios entre os caprinocultores.

- constituir um perfeito meio de integração entre pesquisa x extensão e setor da caprinocultura.

PLANILHA DE CUSTO DE PRODUÇÃO DE LEITE DE CABRA

É de fundamental importância que o técnico e o caprinocultor estejam comprometidos com o Programa de Desenvolvimento já praticado, para maior representatividade.

Com o andamento deste Programa de geração de dados, com esforços comuns entre empresas, técnicos e produtores foi elaborada a primeira Planilha de Custo de Produção de Leite de Ca-

bra no Brasil, coordenada em todo o Estado e região do Rio de Janeiro, pelos veterinários Paulo César Borges e José Geraldo Vinha.

Esta estratégia de ação vem projetar a caprinocultura leiteira e os técnicos dentro do setor pecuário como atividade lucrativa. A planilha vem atender reivindicações de produtores e indústrias que necessitam de um ins-

trumento para balizar as negociações sobre o preço do leite. Atual, a planilha não só fornece esse instrumento, como também serve de guia para uma exploração técnica e economicamente eficiente.

A planilha poderá ser adquirida diretamente no escritório da Emater/Rio Alameda São Boaventura, 770 - Niterói-RJ - CEP.24.120-191 PABX (021) 625-6060



EXPLORAÇÃO LEITEIRA DE CAPRINOS

A Associação Paraibana dos Criadores de Caprinos e Ovinos (APACCO) lançou no ano passado o livro "Instalação para Exploração Leiteira de Caprinos de Múltipla Função no Nordeste do Brasil, de autoria de Carla Cristina Almeida e Edgard Cavalcanti Pimenta Filho.

O livro é um manual sobre caprinos que ensina a fazer diversas instalações para a exploração das cabras. A Caprinocultura praticada no Nordeste do Brasil, tem evoluído de uma atividade quase extrativista, baseada num sistema de criação muito extensivo, para procedimentos racionalizados. É o que mostra esse



trabalho, desenvolvido através das experiências realizadas por Manoel Dantas Vilar Filho, que vem ao longo de vários anos desenvolvendo técnicas e adaptando o criatório para um melhor aproveitamento da produção. Esse trabalho vem sendo realizado na Fazenda Carnaúba, no município de Taperoá, no Estado da Paraíba.

Os interessados poderão adquirir o livro, ao preço de R\$ 15,00, diretamente na APACCO - Rua Alice Azevedo, 461 - 2º andar - salas 218 a 232 - João Pessoa - PB - CEP: 58.013-480 ou pelo telefone (083) 222-3058 - Fax (083) 222-5002.

VOCÊ SABIA...?

... que a espécie caprina encontra-se largamente difundida em todo o mundo, exceto nas regiões polares? Em algumas áreas geográficas, a cabra é o animal doméstico de maior expressão econômica, graças à sua rusticidade e à qualidade dos produtos que fornece ao homem para sua alimentação e vestuário.

A RAÇA MAMBRINA



Sendo a principal raça caprina brasileira, a raça Mambрина deslançada, que tem seu pólo na Bahia e hoje, já com muita aceitação na região de Goiás é caracteri-

zada pelo seu grande porte, alta rusticidade e boa aptidão leiteira. Muitos criadores estão implantando um trabalho de massificação da raça pelo resto do Brasil.

TABLADO ESPECIAL



Uma visita à Fazenda Carnaúba, em Taperoá, na Paraíba, é sempre um aprendizado. Do pesquisador, estudioso e criador de utensílios para caprinos, Manoel Dantas Vilar Filho, a fazenda foi adaptada para atender às necessidades do dia-a-dia de um criatório.

Incorporado aos diversos inventos de Manoel Vilar, este tablado de caprinos foi montado para evitar umidade nos cochos de alimentos e ainda disciplinar o acesso dos caprinos a eles. Sem dúvida a Fazenda Carnaúba é uma "escola de caprinocultura leiteira".

REPRODUÇÃO EM OVELHAS DESLANADAS

A seleção dos reprodutores machos e fêmeas é de grande importância para o êxito da criação, sob ou qualquer aspecto que se analisar. Esta seleção deve ser baseada na escolha de animais bem caracterizados, dentro do padrão da raça escolhida, sem defeitos desclassificantes.

Devem apresentar bom desenvolvimento e peso para a idade dos animais, boa conformação. É de bom pro-

veito para o criador avaliar a idade dos animais pela troca dos dentes incisivos. Sem troca, dois dentes, quatro dentes, seis dentes, oito dentes, boca cheia (animal adulto).

A seleção de animais para a criação de ovinos, para abate, deve escolher animais de boa carcaça, ótimo desenvolvimento e quando cruzados com duas ou mais raças, possuir as características destas raças, visando melhores resultados de carcaça, maior rendimento de carne, etc.

Os machos poderão ser utilizados na reprodução (10 a 12 meses). O número ideal de fêmeas por carneiro é de 30. Excepcionalmente poderão ser utilizados 40 a 50 fêmeas. As fêmeas não deverão ser cobertas nos primeirosaios (7 a 8 meses) para não prejudicar o seu desenvolvimento. Deverão



entrar na reprodução com 12 meses de idade. As fêmeas são prolíferas, ótimas mães, de longa vida reprodutiva (10 a 12 meses). O criador poderá adotar um dos critérios na reprodução do rebanho.

a) Cobertura controlada - com o objetivo de programar os nascimentos para determinada época do ano.

no início da estação chuvosa. Melhor alimentação, outubro e novembro na região centro-sul.

b) O carneiro permanece constantemente com as ovelhas, a possibilidade das ovelhas parirem duas vezes ao ano, sendo cobertas no primeiro mês pós parto. O período de gestação é de 5 meses.

VOCÊ SABIA...?

... que em determinados casos, a exploração dos caprinos constitui o principal fator de fixação da população humana, em áreas castigadas por secas e desprovidas de agricultura estável?

Fazenda CARNAÚBA

MANOEL DANTAS VILAR FILHO

R. Manoel Dantas Vilar, 1
CEP: 58.680-000 - TAPEROÁ - PB
Fone: (083) 463-2213

- * Laticínio próprio: - Queijo "Arupiara". - Doces
- * Seleção de Caprinos:
 - Parda Brasileira leiteira.
 - Branca Brasileira.
 - Graúna ou Negra Brasileira.
- * Seleção de Ovinos Santa Inês.
- * Seleção de Guzerá leiteiro e Sindi

Controle leiteiro oficial,
ordenha diária.

NA CARNAÚBA
temos mania de úbere, tetas... e de balde cheio...



LUCIANO VILAR DANTAS

ONDE NASCEM OS CAMPEÕES

SANTA INÊS
PARDO
ANGLO-NUBIANO
MAMBRINA

4.000 Cabeças



Rua Margem do Rio do Ouro, 785
Jacobina - BA
CEP: 44.700-000
Fone: (075) 621-1089

FAZENDA e HARAS BELA VIVENDA

Prop. **Sebastião Diógenes Paiva (Tião)**



**Venda permanente de
reprodutores de alta linhagem.**



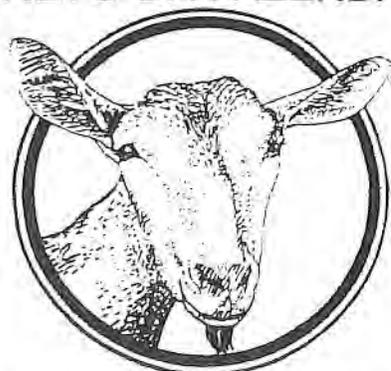
*Criação e Seleção de ovinos deslanadas do
Açú, carneiros, que pesam em média 130 kg.*

Assuí - RN - Fone: (084) 331-2254

**LEITE DE CABRA
INTEGRAL**

SOL

DIRETO DA FAZENDA



LEITE DE CABRA PASTEURIZADO

GRANJA LEITEIRA - FAZ. HARAS DO SOL

GO-020 - Km 50 - BELA VISTA DE GOIÁS
FONE: (062) 551-1472 - 224-5505 e 204-1254

Venda de Matrizes e Reprodutores

A Evolução da Caprinocultura



Com a volta das chuvas na região nordestina, depois de 3 anos de seca, aumenta o valor das cabras leiteiras. Ao mesmo tempo, a criação no Brasil tem rápida evolução, principalmente nas regiões de pecuária bovina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Isso tem ocorrido porque os criadores começam a criar cabras leiteiras para o consumo dos colonos. ■

VOCÊ SABIA...?

... que a cabra como máquina é das mais eficientes? isto porque é capaz de transformar matérias-primas baratas em produtos de venda fácil e grande valor, proporcionando ao criador larga margem de lucro e exigindo dele pouco trabalho e reduzindo capital.

SÍTIO MARAVILHA

PLANALTO DA CURICACA - QUIXADÁ - CE - Vizinho ao Distribuidor Brahma
Fone: (085) 224-7244 / 290-2110



VENDA
PERMANENTE
DE
REPRODUTORES
DE ALTA
LINHAGEM

A mais alta seleção
da raça Santa Inês
na região do sertão
central - CE



AMÉLIO GOMES ROLIM

Rua Tomas Pompeu, 322 - Aldeota - CEP: 60.821-420 - Fortaleza - CE

ALIMENTAÇÃO EM OVINOS DESLANADOS

Os ovinos deslanados poderão ser criados em pastagens de gramíneas durante todo o ano. Este pasto deverá fornecer alimentos em quantidades suficientes para sua manutenção em bom estado. O ideal é que seja uma cultura de pastagem com solo corrigido, sem erosão, adubação racional, seleção de uma boa gramínea, palatável, rica em elementos nutritivos, boa cobertura do solo, porte médio, consorciada com leguminosas já adaptadas à região, boa recuperação pós pastejo - coast cross, estrela, etc.

Quando necessário será fornecida uma ração suplementar ao carneiro e às ovelhas mojando, paridas, cordeiros e borregos (concentrado e capim picado).

Esta ração deverá ter composição adequada, para as várias faixas etárias, ofe-

recidas em quantidade necessária às exigências dos ovinos e 2 a 3 vezes ao dia. Rolão de milho, farelo de soja, farelo de trigo e farelo de arroz. Água potável disponível (à vontade dos animais). Sal mineral próprio para ovinos, fornecidos em cochos acessíveis e durante todo o dia. O tratador deverá ter cuidado para não haver desperdício do mineral: cochos muito cheios, pisoteio dos animais ou chuva. ■

VOCÊ SABIA...?

... que de acordo com o Anuário Estatístico do Brasil, publicado pelo IBGE, a população caprina brasileira, na década de 60 foi estimada em 11.195.000 cabeças, sendo a maior concentração, no Estado da Bahia.

RAÇÃO PARA CAPRINOS EM LACTAÇÃO

A Socil Pró Pecuária S/A, sabendo do crescente avanço do nível genético do rebanho caprino nacional, trouxe para o Brasil a linha VIA CH'EVRE, produtos formulados pelo sistema de Proteínas Digestíveis no Intestino (PDI). Esses produtos possuem ainda estabilizadores ruminais, probióticos, equilíbrio mineral ideal para caprinos, sendo toda a linha peletizada (o que facilita a assimilação, absorção e diminui desperdícios).

Alimento destinado a cabras em lactação, deve ser aplicado no período do parto até 3 meses de lactação, uma média de 1 quilo para cada 2,5 litros de leite produzido. A partir dos 3 meses de lactação, fornecer 1 quilo para cada 3 litros de leite produzido. O arraçoamento pode variar em função do volume.



VIA CH'EVRE

Esta ração é composta por milho integral moído, farelo de soja, polpa cítrica, glúten de milho, farelo de milho, melaço, fosfato bicálcico, carbonato de cálcio, cloreto de sódio (sal comum) e premix vitamínico mineral. Ainda encontram-se na formulação a aveia, farelo de algodão, remoído de trigo, cevada e grão de trigo. O composto é enriquecido por Vitaminas (A,D3,E), Cobalto, Cobre, Ferro, Iodo, Manganês, Selênio e Zinco.

Adeus a Mauro Borges

Era um zebuzeiro apaixonado, não só pelo gado, mas também pelas coisas da terra. Sua fazenda, com ar romântico, era carinhosamente chamada por ele de "A Palha da Índia", para sempre lembrar que era no sol quente que se forjava o bom gado, e não nas luzes e no tédio de uma vida fácil.

Mauro Borges confundia-se aquele espírito aventureiro que, de verdade, descobriu o Brasil, e o levou para a profundidade do Pantanal matogrossense.



Mauro Borges, batalhador pelo Nelore, um desbravador do Mato Grosso.

Foi ali que, por dezenas de anos, construiu um ponto de estudo para quem gosta de gado, bem como construiu a imagem de um gado Nelore que vem servindo como bússola para milhares de criadores.

Seu sorriso fazia a festa permanente onde quer que passasse; sua inteligência aguda não deixava passar um único fato que merecesse reparo; era um perfeccionista como se soubesse que teria pouco tempo para alicerçar sua grande obra. Com as mãos nas terras, os ombros sob o sol encandecido, lá ia Mauro Borges, a cada nascer do dia, desbravando novas conquistas, ampliando a área verde de suas terras e multiplicando seu gado.

Numa visita, ele confidenciou: "O gado tem que ser lucrativo, tem que ser grande, etc. - mas, no fundo, no fundo, o que interessa é que ele seja bonito, poético, gratificante". Por isso, era um zebuzeiro autêntico e nato, sempre em busca da beleza máxima. Diz-se que essa busca da beleza eterna é a característica de uma grande alma e Mauro Borges foi o exemplo dessa lida, tanto na seleção do gado Nelore como em sua vida familiar ou no trato com as pessoas.

Quem teve a felicidade de conhecer Mauro Borges, e participar de seu dia-a-dia, sabe que o país perdeu uma de suas luzes, e que o Zebu perdeu um de seus sacerdotes.



PECUÁRIA LEITEIRA

O atual momento da pecuária leiteira exige total atenção dos criadores. A competitividade cresce, reduzindo o mercado para quem não desenvolve um bom trabalho. O produtor, interessado em manter sua presença efetiva no setor, deve investir em qualidade, aplicar novas tecnologias, utilizar novos recursos, encontrar fórmulas mais seguras e eficientes para oferecer um produto saudável, com preço e qualidade que agradem ao consumidor, cada vez mais exigente.

Devido às diversas mudanças na sócio-econômicas, hoje o consumidor assume um papel bem definido na sociedade e já não aceita qualquer produto a preços altos. É por isso que o produtor deve preocupar-se com a qualidade do produto que está oferecendo.

O assunto qualidade envolve todas as propriedades leiteiras. Para se produzir com eficiência é importante estar atento: à sanidade, alimentação, manejo, genética, equipamentos e mão-de-obra especializada. Estes fatores são básicos para a sustentação da produtividade do rebanho.

A seguir algumas dicas ao pecuarista interessado em produzir leite com qualidade:

Algumas pessoas acreditam que a qualidade do leite é identificada por letras (tipo A, B e C), só que isso define o processo utilizado na produção e pasteurização do leite.

Tipo A - Produzido em granja leiteira e pasteurizado no mesmo local, imediatamente após a ordenha. Quando mantido sob temperatura de 10° C, deve ser distribuído em até 12 horas após a ordenha. O prazo se estende para 18 horas se for mantido sob temperatura de 5° C.

Tipo B - Produzido em estábulo leiteiro, deve ser entregue no estabelecimento onde será feita a pasteurização dentro de um prazo de 9 horas após a ordenha. Este prazo pode se estender para até 11 horas se o produto for mantido sob temperatura de 10° C. Esta é a temperatura sob a qual o produto deve ser mantido. A distribuição deve ser feita no prazo de 24 horas.

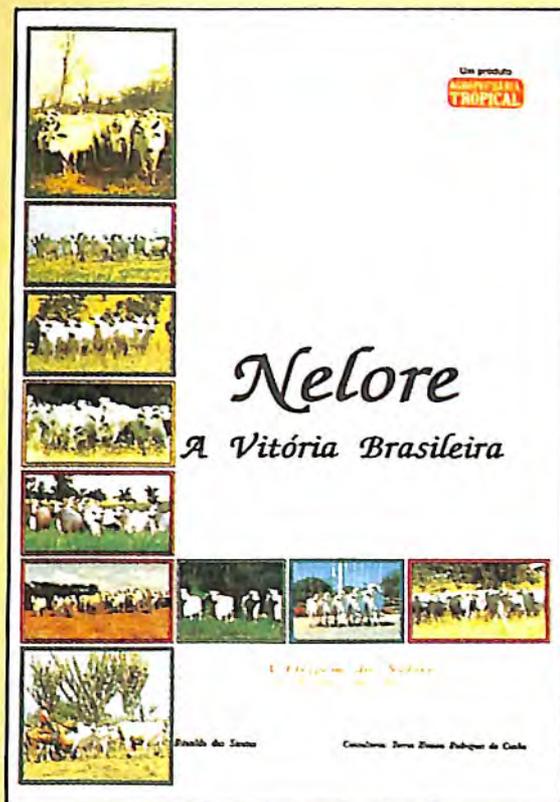
Tipo C - Produzido em fazendas leiteiras, deve ser entregue no estabelecimento onde será feita a pasteurização dentro de um prazo de 12 horas após a ordenha. Este prazo pode se estender se o produto for mantido sob temperatura de 10° C. O leite tipo C deve ser pasteurizado em até 5 horas após a sua chegada e distribuído dentro do prazo de 24 horas.

SE VOCÊ GOSTOU da grande obra NELORE nº 1

- Conteúdo:
- * A Proto-História do Nelore
 - * A História do Nelore no Brasil
 - * O Nelore como ele é

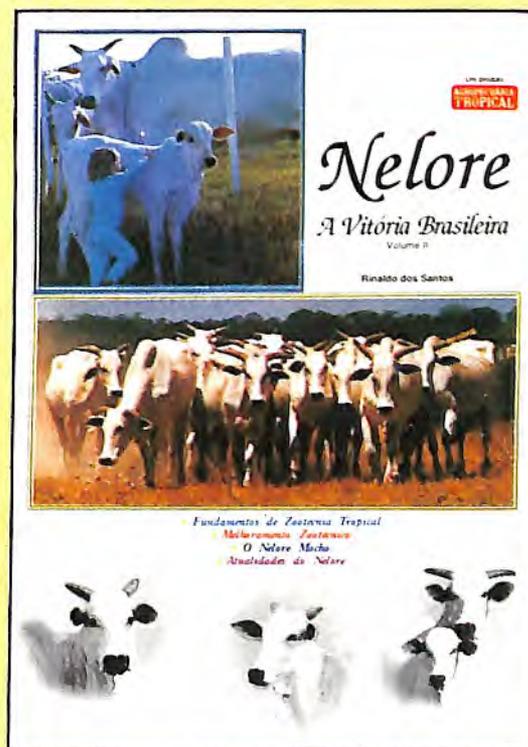
Qualidade

**AGROPECUÁRIA
TROPICAL**



VEJA AGORA NELORE nº 2

- Conteúdo:
- * Fundamentos de Zooclimatologia para a moderna pecuária dos Trópicos
 - * O Melhoramento Animal
 - * O Nelore Mocho
 - * Atualidades do Nelore



AS
VENDAS
de
Anúncios
para o
3º Volume
já estão
ABERTAS

*Se os 2 já são ótimos, imagine
como será excelente o 3º Volume!*

LANÇAMENTO - EXPOINEL/96

Fone: (034) 333-9788

FAX: (034) 312-7290

Tabapuã da Pampulha

Para
Você

Leilão de Liquidação - Roberto Viana Rodrigues

Você pode comprar mais de 50 vacas que pesaram acima de 700 kg



8 - JUNHO - 1996

17:00 horas

NANUQUE - MG

Exposição prévia, dia 7, na Fazenda Pampulha

90 Vacas prenhes, ou com cria ao pé (regime de campo)

14 Novilhas (acima de 20 meses, com prenhez)

45 Lotes, no total, sem reservas

No leilão estarão as 40 matrizes escolhidas, para o Programa de Transferência de embriões, de Roberto Viana



Contatos

Roberto Viana Rodrigues

Fone: (033) 621- 4353

Fax: (033) 621- 4429

Resid.: (033) 621- 4597

Lembre-se: a recordista brasileira de Peso é DUNA da PAMPULHA, com 826 kg



O catálogo com fotografia dos animais está pronto. Solicite o seu.

